



PARA UM MUNDO NOVO HOMENS NOVOS

DEMETRE ABRAÃO NAMI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

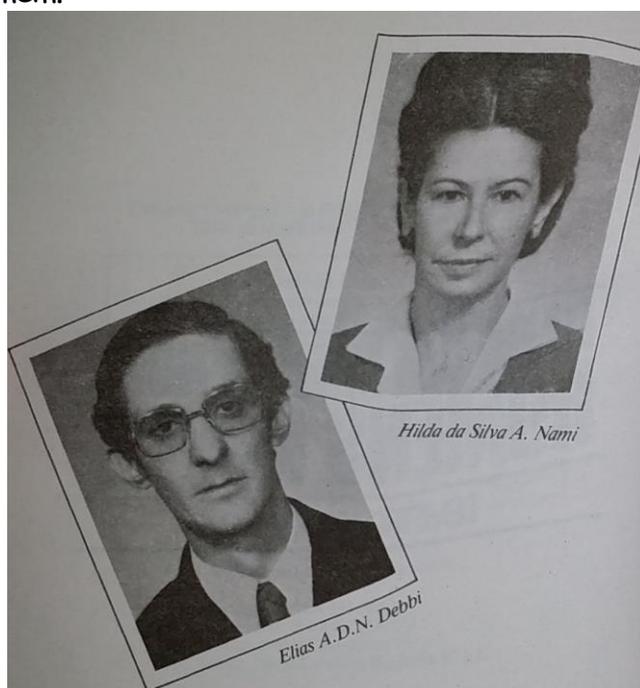
PARAM MUNIU NOVO, HOMENS NOVOS.

DEMETRE ABRAÃO NAMI

Verso

Eternos viajores que somos rumo ao Infinito da Perfeição, sem pouso duradouro em parte alguma além do necessário ao nosso acantameirto prefigurado nas asas do saber e da moral, cumpre desvincularmo-nos dos nossos erros passados e presentes, absolutamente subjugáveis e forrarmo-nos para sempre, das descidas aos planos sofrimentais.

O homem é conversível. Se assim não fora, nenhuma razão existirias para que Deus, na Sua infinita Sabedoria, enviasse Seus Mensageiros que se empenharam denodadamente e, muitas vezes, com o sacrifício de suas próprias vidas, no erguimento espiritual do homem.

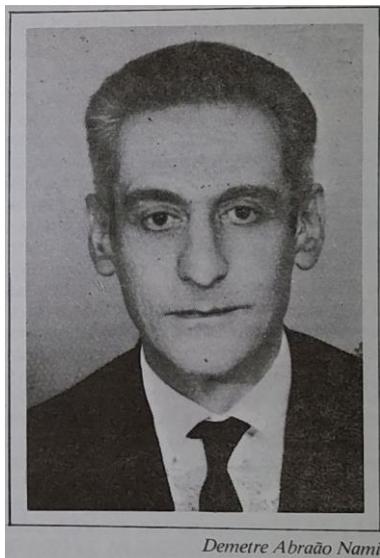


Valorizemos, portanto, a oportunidade desta encarnação, encarecidamente por nós solicitada e não raro custodiada por mentores espirituais que confiaram nas possibilidades da nossa regeneração. Busquemos assimilar e por em prática os ensinamentos legados pelos Corifeus da Espiritualidade, a fim de que, amanhã, quando estivermos do outro lado, não venhamos a nos arrepender do malbarateamento dessa nossa curta existência.

À minha terna e inolvidável companheira de jornada terrena, Hilda da Silva A. Nami, e ao não menos inesquecível mano Elias A.D.N. Dibbi, ambos na Espiritualidade, que em suas

últimas existências lutaram bravamente na divulgação e prática da sublime Doutrina Espírita, dedicamos esta obra.

O Autor



ANÁLISE DO LIVRO

"PARA UM MUNDO NOVO, HOMENS NOVOS"

Um livro sólido, equilibrado, de um brilho suave e permanente na vasta constelação da Literatura Espírita. "PARA UM MUNDO NOVO, HOMENS NOVOS", pela fé convicta e segura do Autor, satisfaz o raciocínio e refrigera o coração. É o testemunho oportuno e firme de um espírita que vivenda, sem rótulos e sofismas, clara e simplesmente, os princípios da Doutrina.

Num contexto como o nosso, em que aparecem tantos "espiritóides" petulantes, pregando absurdas inovações doutrinárias, declarando Kardec ultrapassado e erigindo-se em guias de massas ingênuas, o livro de Demetre Abraão Nami é eloquente atestado de bom senso e fidelidade à pureza do Espiritismo. Coloca-se o Autor na condição de transmitir, de maneira pessoal, é claro, aquilo que aprendeu e recebeu da fonte espírita aliada à própria experiência existencial, sem a vaidade doentia de querer acrescentar novidades incoerentes ao harmonioso edifício da Doutrina dos Espíritos.

Por outro lado, "PARA UM MUNDO NOVO, HOMENS NOVOS" não é somente um livro-mensagem aos adeptos, mas acima de tudo aos não-espíritas. É um alerta de esclarecimento e um chamado de paz a este mundo ainda distante das noções básicas do amor.

Nesta obra, todos podem enriquecer interiormente, edificando-se na fé e no bem.

Quanto à forma, hão apresenta "PARA UM MUNDO NOVO, HOMENS NOVOS" grande complexidade literária. A linguagem é bem-cuidada, porém acessível. São páginas inteligíveis ao cérebro e captáveis à alma. Uma leitura que constrói e eleva. Em suma, um livro verdadeiramente espírita!

São Paulo, 11 de junho de 1982

DORA INCONTRI

ÍNDICE

I PARTE

I	A Ressurreição do Cristo	11
II	O Século que Passa	13
III	Os Espíritas	15
IV	Beneficência	17
V	O Evangelho de Jesus	19
VI	ADor	21
VII	Trabalhos de Desobsessão	23
VIII	Reuniões Espíritas	25
IX	Retiro Espiritual.	27
X	Num Dia de Finados	29
XI	Fé e Obras	32
XII	"OTêmpora! O Mores!" ..	34
XIII	Da Responsabilidade dos Espíritas	37
XIV	Como Conduzir-nos	39
XV	O Que Somos	41
XVI	Bruxos	43
XVII	A Utilidade da Prece	45
XVIII	A Necessidade do Momento	47
XIX	Estudem, antes de Negar	49
XX	O Pior dos Crimes	51
XXI	Cristianização	53
XXII	Como se ama a Deus	55
XXIII	Jesus e Nós I.....	57
XXIV	Supremo Consolo	59
XXV	Diante da Enfermidade e da Morte	62
XXVI	Mediunidade Latente	
XXVII	No Palco da Terra	
XXVIIIFraternidade Cristã	68
XXIX	Para um Mundo Novo, Homens Novos	69
XXX	Recordando Vinícius	71
XXXI	"Eis o Cordeiro de Deus que tira o Pecado do Mundo"	73
XXXII O "Diabo" eo "Inferno"	75
XXXIII	O Espiritismo e o Evangelho	78
XXXIV	Sigamos o Mestre	80

XXXV	A Vidana Terra	82
XXXVI	Aos Médiuns	84

II PARTE

HISTÓRIA RESUMIDA DE JOANA D'ARC - MÉDIUM

- Personalidade de Joana d'Arc
- Joana Aceita a Missão
- A França no Século XV -Na Prisão
- Joana é Conduzida ao Suplício
- Queimada Viva
- Canonização de Joana
- Conclusão
- Uma Encarnação Passada de Joana

PRIMAVERA

Chegou a Primavera!

Tudo em a Natureza esplende, vibra e canta, 'Flores e folhas já se foram...

E surgem novos ramos!

A vida se renova!

Troncos, já ressequidos, cobrem-se de verde.

E, logo após, mil flores multicores Se vão desabrochando.

Quê?! Novas esperanças!

Insetos multicores, em febris volutas Nas taças perfumadas buscam néctar.

E há pássaros cantando!

Oh! Primavera d'alma!

*Ressurgir estuante de uma nova alegria! Abatimentos, tédios já vão distantes Junto com a
invernia!*

E... tudo se transforma!

*Do recôndito afloram cânticos e risos E ardentes preces enchem a Natureza Em todos os
altares!...*

Mil novas esperanças!

Desejos de lutar, vencer e progredir

Vão n 'alma nos surgindo e a vão impulsionando

Para o céu do porvir!

Hilda da Silva Abraão Nami

I PARTE

Capítulo I A RESSURREIÇÃO DO CRISTO

A missão do Cristo na Terra não ficaria completa se a sua ressurreição não se verificasse (no terceiro dia) e fosse testemunhada pelos seus discípulos e por grande multidão de pessoas.

Apesar de toda a beleza moral, todo o conforto, amor e esperança que encerram os magistras ensinamentos de Jesus e as curas maravilhosas que operou, tudo isso redundaria em nada se ele não ressurgisse dentre os mortos e, em Espírito, de maneira palpável, inequívoca, aparecesse aos seus discípulos e à referida multidão. Talvez nenhuma notícia sobre ele chegaria até nós. E a Humanidade, assim, se privaria da influência altamente moralizadora e consoladora do Cristianismo.

Prova esta nossa assertiva, o abandono do Mestre pelos seus discípulos na hora extrema.

Se os próprios discípulos de Jesus, que o acompanham nas suas prédicas e curas, foram tomados de incredulidade até a sua crucificação, era de se esperar que o mesmo acontecesse com todos os que não o conheceram. Mas, felizmente para a Humanidade, tudo se realizou como o Mestre havia predito.

Eis que o Mestre ressuscita dentre os mortos (no terceiro dia, note-se bem), ficando assim cumprido o que estava escrito na Lei de Moisés, nas profecias e nos salmos, e aparece em Espírito e palpavelmente aos onze discípulos que se achavam, nessa ocasião, comendo à mesa e os exproba pela falta de fé.

Conforme, ainda, as narrações evangélicas* Jesus apareceu aos apóstolos durante quarenta dias após a ressurreição, instruindo-os acerca do Reino de Deus e da tarefa que lhes competia realizar.

As inúmeras aparições do Cristo a uma grande multidão de pessoas e aos seus discípulos encheram estes de grande alegria e fé, encorajando-os sobremaneira para o desempenho da missão de que foram investidos.

Quando o Cristo verificou que os seus discípulos estavam aptos para o apostolado, exortou-os: *"Ide por todo o mundo pregar o Evangelho a toda criatura."*

Em seguida, ascendeu ao Céu.

Estava, pois, concluída na Terra a missão do Cristo, o Mestre verdadeiro.

Com a sua ressurreição (ao terceiro dia), foram confirmadas (todas) as profecias das (Sagradas) Escrituras a seu respeito.

Em última palavra, o Cristianismo estava triunfante e a imortalidade da alma provada.

E as promessas do Cristo aos deserdados da vida: aos que choram, aos aflitos,

aos injuriados, aos perseguidos, aos inconsolados, enfim, a todos os que sofrem por amor à verdade e ao bem, com a sua ressurreição, deixaram de ser aquele conglomerado de fantasias e divagações como entendiam os escribas e os fariseus do seu tempo, hipócritas e ávidos do mando.

Com a ressurreição do Cristo, as suas promessas constantes do Sermão da Montanha tomaram-se *certeza* aos seus seguidores.

Basta, pois, a estes aliarem a fé que possuem às obras e trilharem resolutos a senda do Bem, indiferentes às pedras de tropeço que porventura venham a encontrar nessa caminhada redentora.

E aos que crerem, disse Jesus:

"Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas. Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão".

Capítulo II O SÉCULO QUE PASSA

Estamos na aurora do terceiro milênio.

Ai estão as guerras e as calamidades sacudindo rudemente o nosso agoniado planeta, sinais estes precursores da sua renovação física e moral.

São raros os religiosos que vêm nos abalos morais e na alteração dos costumes por que passa a Humanidade o imperativo do testemunho cristão.

Assim é que vemos, pesarosos, grande parte dos que tomaram sobre seus ombros a responsabilidade da exemplificação e orientação espiritual dos homens, preocupados tão-somente com as honrarias e reivindicações materiais, em franca contradição com os postulados divinos.

o o o

Em nosso trato diário, é comum observarmos indivíduos pertencentes aos diversos credos religiosos, assíduos frequentadores de seus cerimoniais, completamente entregues ao materialismo vil, esquecidos dos deveres espirituais.

Em seus negócios são velhacos e aves de rapina. Na amizade são falsos e maldizentes. No amor são corrompidos e corruptores. No lar são perturbadores da paz. Em suas conversas são tendenciosos e rebaixadores da moral. Em público comportam-se inconvenientemente. Com os subal- **13** temos têm o olhar duro e os gestos ameaçadores. À frente dos deserdados da sorte e dos fracos são mesquinhos e maus.

É evidente que tais defeitos morais não se justificam absolutamente junto àqueles que pretendem seguir as pegadas do Divino Mestre.

Não se pode servir a dois senhores.

Aos espíritas, que conhecem maior soma das verdades acerca da imortalidade da almae damisericórdia divina, cabe a tarefa de manter bem vividos esses

ensinamentos de Jesus, principalmente nos dias que correm, em que as religiões claudicam e a fé se vai apagando dos corações.

Capítulo III OS ESPÍRITAS

Prometemos a um sacerdote da igreja de Roma que falaríamos, pela imprensa, alguma coisa sobre os espíritas que ele, inscientemente, interpretou mal¹.

Hoje, com esta publicação, cumprimos com o nosso dever, embora imperfeitamente, dada a exiguidade de espaço de que dispomos.

O Espiritismo, explicando racional e experimentalmente a finalidade da vida, a causa do sofrimento na Terra e as desigualdades sociais, morais e intelectuais entre os homens — em harmonia com a justiça e a Bondade de Deus —, instrui, consola, melhora espiritualmente a criatura e a conduz, com segurança, ao porto de salvamento. O Espiritismo é o Consolador Prometido, não é demais repetir, e por ser a sua Doutrina de origem divina e não humana, porque ditada por Espíritos de Superior Hierarquia sob a égide do Cristo, tem a vantagem, pela fé que faculta, de "multiplicar o número de escolhidos".

É inegável que o Espiritismo tem se imposto às pessoas mais pelo BEM que tem espalhado, através de seus Mensageiros invisíveis e visíveis, do que, propriamente, pelo conhecimento de sua Doutrina. No princípio do seu advento só uma minoria, rompendo com o atavismo religioso e com as diversas correntes materialistas a que se achava ligada — não sem prejuízo da sua reputação —, abalçou-se a proclamá-lo aos quatro ventos como o verdadeiro Consolador, isso depois de acurados estudos e experiências felizes levadas a efeito por cientistas de renome.

Não obstante o curto espaço de tempo de sua propagação, o Espiritismo já conta com um respeitável número de adeptos em todo o mundo e, entre eles, muitas celebridades.

O Espiritismo não se impôs "a ferro e fogo", como procuraram fazer algumas religiões, mas de maneira racional, pacífica e persuasiva, como procedera o Divino Mestre.

Seus profitentes, combatidos aqui, perseguidos acolá pelo intolerantismo religioso — indiferentes às ameaças e surdos à grita de seus vilipendiadores —, foram anunciando a Boa Nova, ao mesmo tempo que construíram obras de beneficência que causam admiração aos seus próprios detratores.

Os espíritas não têm chefe visível nem se constituem em casta sacerdotal. Se chefe possuem, este é a sua consciência, iluminada pelo ideal do Cristo. Na sua maioria, os espíritas são homens que trabalham oito e até mais horas por dia. A despeito disso e dos encargos muitas vezes pesados de família, ainda conseguem tempo para praticar a caridade, ensinando, consolando, curando segundo as recomendações do Cristo e cooperando, ativamente, com as instituições do seu

¹(1) - Publicado no jornal "Amor à Verdade", junho-julho de 1954.

próprio campo, no mais absoluto anonimato.

Os espíritas, como ficou demonstrado acima, não são profissionais da religião. Foram certamente materialistas, protestantes, católicos, enfim, criaturas procedentes das mais diversas denominações religiosas.

A pluralidade das existências, a comunicabilidade com os chamados erroneamente mortos e a habitabilidade dos mundos, que o Espiritismo ensina e que a igreja de Roma não aceita, é a VERDADE que ela aceitará amanhã, como aceitou muitas verdades que antes combateu dura e sistematicamente.

Com estes esclarecimentos, elementaríssimos, cremos ter dissipado algumas ideias errôneas sobre o Espiritismo e os espíritas, que aquele irmão, desavisadamente, vinha alimentando.

Capítulo IV BENEFICÊNCIA

O inverno é, sem dúvida, a estação mais tristonha e gélida do ano e que leva, às vezes, a enfermidade e até a morte àqueles que são apanhados desprevenidos. Todos o sentem, até os bem-agasalhados. Por aí, poderemos fazer uma ideia do sofrimento dos desfavorecidos da sorte que, a braços com a penúria, se vêem impossibilitados de enfrentá-lo convenientemente, por absoluta falta de recursos.

Nessa época, mais especialmente que em outras, os cristãos sinceros voltam suas vistas aos *nus* e, conforme a recomendação do Excelso, buscam, dentro de suas possibilidades, adquirir ou manufaturar roupas para os necessitados, principalmente para as crianças, *as mais sensíveis ao frio-*

A estes não importa, como já disse um Luminar do Espaço, que as roupas que lhes são destinadas, caridosamente, sejam grosseiras, contando que sejam quentes.

Jesus, o Mestre dos mestres, sempre confiou na benevolência dos pobres, porque estes, por já terem sentido na própria carne a aflição das necessidades, entendem melhor o seu dever de solidariedade humana para com os mais infelizes do que eles.

Por onde estendermos as vistas, divisaremos estes irmãos em Humanidade que a luta, o sofrimento ou a velhice tomou imprestáveis para o ganha-pão de cada dia. Às vezes, encontram-se próximos de nós; talvez na vila ou no bairro em que habitamos, ou mesmo nas vizinhanças.

É fácil, ao coração bem-formado, localizá-los.

E quando a ocasião de sermos úteis se nos deparar, aligeiremos o passo, não demorem na ponderação dos merecimentos — porque não saberíamos julgar — e ofereçamos, com bondade, aquilo que nossa bolsa permitir em benefício do irmão necessitado.

A tarefa de proporcionar agasalhos aos necessitados *fala mais de perto às mulheres*. Nas horas de lazer, poderão demonstrar as suas habilidades, a grandeza de seus corações e testemunharem ainda o seu amor a Deus, transformando as

"migalhas" que lhes sobejam em pães, vestidos e remédios, revertendo-os, em seguida, a favor dos desamparados, sem alarde nem humilhação.

Somente através de obras meritórias é que provaremos a nossa solidariedade humana, a nossa fé cristã.

Não importa que os homens não nos compreendam.

Basta-nos a aprovação de Deus, o aplauso de nossa consciência.

Capítulo V O EVANGELHO DE JESUS

O Evangelho de Jesus não é apenas um repositório de preceitos morais, destinado ao nosso aperfeiçoamento espiritual, mas também fonte de saúde e alegria.

Jesus, ensinando e exemplificando as verdades nele contidas, constitui-se em nosso Médico e Salvador, porque a prática destas verdades tem o condão divino de amenizar nossas penas e de libertar-nos das mazelas morais que nos adstringem aos planos de sofrimento.

Já está sobejamente provado que os cristãos sinceros desfrutam de mais saúde, mais sabedoria, vivem mais longamente e são mais felizes do que o comum dos homens. Isso porque são conformados na dor, fortes na adversidade, tolerantes para com as fraquezas do próximo, inacessíveis aos vícios e aos sentimentos malsãos e, sobretudo, caritativos. Compenetrados da brevidade da vida na Terra, não se apegam aos seus bens, porque sabem que têm de deixá-los. Utilizam-nos sóbria e honestamente, dispensando o supérfluo em prol dos necessitados.

O que mais infelicitiza e degrada o homem são as suas maldades e paixões rasteiras, cuja causa reside na ignorância às leis divinas.

É da vontade de Deus, nosso Pai Celestial, do qual somos herdeiros, que todos os seus filhos sejam felizes, pois que os criou para a felicidade eterna, bastando, para isso, que se amem. A Sua lei é o Amor, não podendo, portanto, falhar.

O Amor é a essência de Deus, como se comprova pela harmonia das Suas obras infinitas, através das quais Ele se manifesta.

Houvesse Amor entre os homens e o mundo seria um paraíso.

Deus ama tanto o mundo que, em todos os tempos, lhe enviou seus emissários nas pessoas dos profetas, do Cristo, e agora oferece o Consolador, personificado no Espiritismo, que teve em Allan Kardec o seu Codificador.

Todos esses arautos da fé, a despeito das incompreensões das épocas em que viveram, pugnaram ardorosamente no estabelecimento do Amor entre os homens. Mas estes, pela livre escolha, aceitam-no ou rejeitam-no, responsabilizando-se, exclusivamente, no futuro, pela sua felicidade ou desdita.

O Evangelho de Jesus é, ainda, como dissemos acima, fonte de alegria. Não

desta alegria efêmera, mentirosa, oriunda da satisfação dos sentidos, que dana a alma e gera a morte. Mas da alegria espiritual, genuína, que brota do imo da alma, decorrente da reta conduta e da paz de consciência.

Façamos, por conseguinte, do Evangelho de Jesus o nosso livro de leitura de todos os dias. À luz que tão profusamente flui do Espiritismo, meditemos nos seus ensinamentos profundos e inesgotáveis, todos eles portadores de beleza e vida, buscando, ainda, refleti-los em nossos atos, pensamentos e palavras. Assim procedendo, estaremos, realmente, empenhados na conquista de uma vida melhor e vivendo em paz conosco e com o mundo.

Capítulo VI A DOR

Quando nos corporificamos na Terra, a Dor se nos liga de modo inseparável, tomando-se, assim, nossa companheira fiel de todas as horas. **As** vezes, quando burlamos sua vigilância e nos entregamos, inermes, à fascinação dos prazeres efêmeros do mundo que habitamos, ela nos repreende severamente, não raro através de desencantos e de sofrimentos indizíveis. A Dor tem sido, inegavelmente, desde todos os tempos, nossa mestra, intransigente em suas decisões.

Indubitavelmente, a vida terrestre é repleta de lutas e sofrimentos inomináveis para, ao depois, segundo os materialistas ateus, se extinguir no nada.

Desde a adolescência, já nos preocupávamos com o problema das enfermidades e da miséria de uns, ao lado da opulência insensível e despuorada de outros. Quantas vezes alçamos os olhos para o Céu, interrogativamente, diante de tanto descalabro na face da Terra! Onde encontrar a solução deste atordoante problema? Como conciliar a Bondade e a Justiça de Deus com a maldade e as injustiças que deparamos a cada passo? Em vão as religiões predominantes que conhecemos de perto, com suas equívocas interpretações evangélicas, tentaram nos convencer.

Foi quando, mercê de Deus, chegou às nossas mãos, por intermédio de um bom amigo, que muito admiramos, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que lemos com emoção, sob os aplausos da razão. Em seguida, lemos as demais obras da Codificação Kardeciana. E, por várias vezes, retomamos à leitura dessas obras, tal o interesse que nos despertou. Desde então não mais pusemos em dúvida a Bondade e a Justiça de Deus. Compreendemos a fragilidade dos dogmas religiosos impingidos pela igreja de Roma, carregados de misticismo e superstições, e libertamo-nos, de vez, do visco de seus preconceitos rasteiros que não conduzem a nada, senão aos seus interesses imediatistas. Conscientizamo-nos, ainda, da finalidade da Dor como instrumento que é do nosso aprimoramento espiritual e da nossa rearmonização com a Vontade Divina, toda Amor, tantas vezes por nós desprezada ao longo de nossas existências miserandas. E da Imortalidade da Alma, plena de luz e amor, uma vez quitados nossos débitos que nos prendem à

Terra.

A dor nos premune, ainda, contra outra maior, que é a Dor da Consciência, capaz de desfibrar nossa alma e nos compelir a dolorosos avatares.

Busquemos, em nosso próprio benefício, tirar o máximo proveito de ordem espiritual desta nossa existência, tendo sempre presente o ensinamento do nosso Divino Mestre: *Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo*. Pratiquemos, tanto quanto nos for possível, este ensinamento lapidar, para que não venhamos a nos arrepender, tardiamente, por termos nos apegado aos interesses egoísticos da Terra, ainda em evolução. Nela nos encontramos, momentaneamente, para sofreremos com resignação, ameaharmos experiências, colaborarmos por uma Humanidade mais feliz e ascendermos a planos de vida cada vez mais aperfeiçoados, destinados pelo Pai Amorável a todas as criaturas.

Capítulo VII TRABALHOS DE DESOBSESSÃO

Chegou ao nosso conhecimento o fato de que algumas instituições espíritas, nesta capital, suprimiram de seu seio os trabalhos de desobsessão. Entendem seus dirigentes que, no Além, não faltam espíritos superiores capazes de ministrar esclarecimentos e alívio aos espíritos de natureza perversa, ignorantes ou sofredores. Acham, ainda, que a manifestação desses espíritos acarreta perturbações ao ambiente de seus trabalhos espirituais, envolvendo, ainda, os próprios médiuns. Só admitem, outrossim, em seus trabalhos a recepção de mensagens de Espíritos Superiores.

A Revista Espirita, fundada por Allan Kardec, contém inúmeros casos de espíritos que, através da doutrinação, se arrependeram dos erros e desejos de vingança, desenleando-se, em seguida, de suas vítimas.

Emmanuel, numa de suas obras captadas pela mediunidade de Chico Xavier e que traz, como título, seu próprio nome, enfatiza a importância dos trabalhos de desobsessão através da doutrinação pela voz humanizada, em virtude de esses espíritos acharem-se, ainda, sob fortes impressões da vida física e, portanto, inacessíveis às vibrações e esclarecimentos de Espíritos Superiores. Esse é o único meio de receberem a orientação de que carecem para se conduzirem, de forma equilibrada, na Espiritualidade.

Em nossas reuniões espíritas, mercê de Deus, conseguimos libertar muitas criaturas do assédio de espíritos de deficiente evolução espiritual e de obsessores através da doutrinação, que consistia em fazê-los compreender, de modo insofismável, a sua nova condição de espírito e o imperativo de trilharem o caminho do bem.

É oportuno lembrar que todos nós estamos sujeitos à obsessão e que o número de obsidiados é imenso, principalmente na presente época que atravessamos,

eivada de egoísmo e de ambições de toda ordem, de mal-entendidos e apreensões. Faz-se imprescindível, portanto, que em todas as sociedades ou centros espiritas idôneos sejam realizados trabalhos de desobsessão, sob a orientação de confrades cômicos da sublime Doutrina e dotados de apreciável ascendência moral sobre os espíritos aos quais se dirigirem.

Capítulo VIII REUNIÕES ESPÍRITAS

As reuniões espiritas onde predominam os ensinamentos evangélicos, quando compostas de elementos sinceros, conscientes de suas responsabilidades, constituem uma das mais belas formas de se praticar a caridade.

Além da confraternização que propiciam, desenvolvem os bons sentimentos para com o próximo, fortalecem os ânimos através de uma concepção mais elevada de Deus e da Vida, fixam nossa conduta terrena e oferecem, ainda, inúmeras oportunidades de sermos realmente úteis à coletividade humana.

Se as reuniões espiritas proporcionam grandes benefícios àqueles que as realizam ou delas participam com elevação de propósitos, não são menores os danos que ocasionam aos que delas se servem para fins interesseiros ou inconfessáveis.

Tais danos, em virtude da lei incoercível de Causa e Efeito, cedo ou tarde atingem fatalmente os faltosos dessa ordem.

Daí as recomendações reiteradas de nossos Irmãos Maiores quanto à pureza de pensamentos e intenções que estas reuniões devem revestir para o conseguimento dos seus objetivos levantados.

Quando estas reuniões se processam com firmeza de ânimo e inteireza de pensamentos, nossas mentes — no-lo dizem os Espirites Amigos—projetam intensa luminosidade no Espaço, que atingem distâncias incomensuráveis, atraindo, dessa forma, Espíritos de superior hierarquia e mesmo Espíritos desnoroados, que encontram, nessas reuniões, verdadeiro porto de salvação. De simples curiosos, a princípio, estes últimos tomam-se participantes dessas reuniões e, através de esclarecimentos que lhes são ministrados, se conduzem para o Bem.

Efeito contrário produzem as reuniões frívolas, sem orientação evangélica, em que os pensamentos dispares, e mesmo hostis, emitidos pelos seus circunstantes, se entrecrocaram, eletrizam o ambiente, tomando-o asfixiante, insuportável, servindo assim de pasto para os Espíritos viciosos, zombeteiros, mentirosos e intrigantes.

É de grande valia que nos dias de reuniões, mais que nos outros, os seus participantes não se irrite, não se excedam no trabalho, a fim de pouparem energias, evitem toda bebida excitante e alimentos indigestos, assim como

pensamentos indignos.

Tal procedimento possibilitará a harmonia individual e, conseqüentemente, a homogeneidade do ambiente, favorecendo dessa maneira a aproximação dos bons Espíritos.

Em ambientes assim formados é que se verificam casos de curas psicofísicas, as mais incríveis, além de outros fenômenos de interesse geral.

Os orientadores dessas reuniões, apoiados nos ensinamentos cristãos à luz meridiana que o Espiristimo enseja, devem encarecer a necessidade de seus componentes eliminarem de si todos os sentimentos contrários ao bem, lembrando-lhes, de quando em vez, os compromissos assumidos na Espiritualidade, antes de tomarem carne, quais o de progredirem espiritualmente e ajudarem o progresso de seus semelhantes.

Entendemos que reuniões assim conduzidas são verdadeiramente produtivas e trazem legítima alegria espiritual aos que delas participam.

O que acima dissemos constitui um dos muitos frutos que colhemos no decorrer da nossa longa vivência como participantes e orientadores de reuniões espíritas.

Capítulo IX RETIRO ESPIRITUAL

Quando o carnaval vai se aproximando, irmãos de determinado credo religioso, para, segundo eles, fugirem às suas tentações, abandonam as cidades rumo aos campos ou aos templos, onde permanecem em silêncio e preces até o final dos festejos.

Que esses irmãos busquem os campos ou outros lugares para descanso físico, entende-se. Mas o que não compreendemos é que confundam, esses irmãos, retiro *pessoa*/com retiro espiritual, porquanto este último possui sentido característico.

Achamos que retiro espiritual é algo de divino, como exprimem as suas próprias palavras, para ser tão grosseiramente deturpado em seu legítimo sentido. Esse deveria ser o estado permanente de todos os que abraçam o vero Cristianismo, e não periódico, de vésperas de carnaval, como entendem alguns.

Fazer retiro espiritual não é fugir, pois, em determinada época, aos bulícios e às imoralidades. É situar o próprio espírito longe daquelas tramas viscosas, sem se deixar enredar quando defrontado por elas.

Jesus, quando se achava entre a gente de má vida, influenciava-a para o bem, sem se deixar ser por ela influenciado. É que o seu Espírito, sempre voltado para as coisas de Deus, sobrepunha-se, altaneiro, às mazelas morais.

A criatura espiritualizada encontra-se sempre em retiro espiritual.

Ainda que se encontre, por força das circunstâncias, rios mais abjetos lugares, diante de injustiças ou negócios escusos, não participará deles nem se sentirá por eles atraída, porque seu Espírito está acima de todas as torpezas humanas.

Quando Jesus se retirava para os montes onde costumava orar, não o fazia para fugir à turba agressiva e ignara, mas para suplicar forças ao Pai no prosseguimento da sua dolorosa e sacrificial jornada de redenção do mundo. Retiro espiritual, no seu sentido próprio, não é, portanto, uma questão de emudecer ou orar, em determinado momento e sítio, e aqui citamos, para encerrar, um ensinamento do Evangelho: *"Viver no mundo, como se não fosse do mundo."*

Capítulo X NUM DIA DE FINADOS

Foi num dia **2** de novembro, data em que os adeptos de algumas seitas religiosas costumam reverenciar seus mortos nos cemitérios.

Nesse dia, pela manhã, nos dirigíamos ao trabalho quando o ônibus que sai do Largo Paçandu e que devíamos tomar partiu antes que o alcançássemos. Resolvemos, então, servir-nos de um auto-lotação, cujo itinerário ia até o cemitério da Quarta Parada e nos servia perfeitamente.

Uma senhora, de estatura mediana, ricamente trajada, um tanto idosa e que se fazia acompanhar da irmã, aboletou-se nesse carro, de sorte que sentamos um ao lado do outro. Essa senhora aparentava grande nervosismo e constantemente se voltava para a irmã e a recriminava por não ter concordado em tomar um táxi, ao invés de um auto-lotação. O auto já havia rodado meio quilômetro quando a senhora em apreço volta-se para nós e nos diz: — O senhor dirige-se também para o cemitério? Respondemos-lhe negativamente. Sem mais preâmbulos, foi logo nos dizendo que ia ao cemitério a fim de acender algumas velas na sepultura em que jaziam os despojos do que foi seu marido, falecido havia uns dez anos. — Pois é, meu senhor, continuou ela, ando muito desgostosa da vida. Depois que o meu marido faleceu, a paz se foi do meu espírito. Comecei a entediar-me. A conselho de alguns amigos, consultei vários facultativos; percorri algumas cidades interioranas, em busca de melhores climas; participei de diversões na esperança de que isso pudesse beneficiar-me o espírito, porém, tudo em vão. Continuo enfasiada de tudo e de todos, como antes de empreender viagem. Sou muito grata, prosseguiu ela, ao meu segundo marido. O primeiro, quando morreu, deixou-me com dois filhos e algumas dívidas provenientes de medicamentos durante a sua longa enfermidade. As minhas forças para a manutenção dos meus filhos, então pequenos, declinavam quando me apareceu o segundo, que acabou de criá-los. Hoje, estes meus filhos estão bem-instalados na vida. Um é engenheiro e outro diretor de grande estabelecimento industrial. Por isso sou reconhecida a este meu marido, que sempre me estimou e nunca me contrariou em nada. Apesar da dedicação dos meus filhos e do imenso conforto de que me acho cercada, sinto-me completamente inútil na vida, o que muito me acabrunha. Desculpe-me, se logo à primeira vista me fraqueio desta maneira com o senhor.

Retrucamos:

— Sabemos medir, perfeitamente, a extensão do seu sofrimento pelos reveses por que passou e que acaba de nos relatar. Cremos poder ajudá-la nesta conjuntura com algumas sugestões, tomando por base um outro caso, mais ou menos idêntico ao seu. Conhecemos, há tempos, duas senhoras, adiantadas em anos, riquíssimas, que passaram, também, pela mesma fase e se entregaram a um profundo desânimo. Mais tarde, essas senhoras acharam um meio cristão de como preencher o que chamavam de vazio da alma. Hoje, são felizes, como nunca o foram. É o que elas afirmam.

— Diga-me, respondeu ela, por favor, como é que depois de apagadas as ilusões da vida pela esponja da velhice puderam, ainda, ser felizes?

— Muito simples, respondemos, para aqueles que desejam ser cristãos pelas obras e não enganosamente dos lábios para fora. Essas senhoras resolveram dedicar parte do seu tempo e da sua fortuna em prol das crianças e da velhice abandonadas, sem distinção de cor, religião ou raça. Não se limitavam a praticar o bem somente às pessoas necessitadas que as procuravam, mas iam até onde o problema se encontrava. Assim é que cooperavam, pessoal e financeiramente, com algumas instituições de atendimento à pobreza desamparada que é imensa e se desdobra em várias modalidades. Daí em diante, o tempo se lhes tomou sumamente precioso e a vida alegre. Sentiam, isto sim, não terem se dedicado há mais tempo a esse divino mister.

A essa altura, aparteou-nos ela:

— Já estou sentindo grande prazer só em pensar quão útil poderei ainda ser, apesar da minha idade avançada. Ninguém, melhor do que eu, sabe quanto é penoso alguém privar-se do pão, do remédio ou do teto, quando sem forças ou possibilidades para obtê-los. E ninguém mais do que eu agora tem obrigação de dedicar-se a semelhante amparo porque careci dele, e mercê de Deus tive-o de sobra.

Entre lágrimas de íntima satisfação, bendisse o nosso encontro, ali no carro, ao mesmo tempo que agradecia ao Criador por poder preencher a sua ociosidade com obras meritórias.

Como já terá percebido o leitor, essa senhora era religiosa, porém à sua maneira, porquanto desconhecia até então a religião com obras.

O carro já se aproximava do ponto onde deveríamos saltar. Muito apressadamente, concluimos dizendo-lhe:

—Esteja certa de que esta é a melhor forma de reverenciar a memória do seu falecido marido. Muito mais grata do que queimar-lhe velas inexpressivas. O Espírito do que foi seu companheiro de lides terrenas se rejubilará com a sua devotada ajuda àqueles a quem a vida tem sido madrasta. E, quanto à senhora, as suas penas se diluirão ao contato dos marginados da vida, toda vez que a sua generosidade socorrê-los, resultando daí verdadeira alegria mútua. Ao divino

Mestre não passarão despercebidos os seus gestos de benemerência. Ele a recompensará centuplicadamente.

Não esperávamos que tão curta conversa pudesse produzir tamanha alegria e despertar tantos sentimentos humanitários.

Fará ela o que prometeu? Ignoramos. O certo é que a semente foi lançada e muito oportunamente.

Deus sabe.

Capítulo XI FÉ £ OBRAS

É comum ouvirmos dos religiosos de diferentes crenças a expressão "tenho fé", "creio em Deus", porém não fazem a Sua vontade, ensinada pelo Divino Mestre. Vemo-los, muitas vezes, ocupando cargos de guias no meio de suas greis, mas cujas palavras e atos, quando se encontram longe desses círculos, desmentem a religião que professam, o que é de se lastimar. Para essa espécie de religiosos, que sabe o que não deve fazer, mas faz, advertiu o Mestre: *"Muito será pedido a quem muito foi dado."*

Compulsando o Evangelho, lemos, na epístola de S. Tiago, que os demônios também têm fé, porque crêem em Deus e se estremecem face ao poder que sentem. Isso nos vem demonstrar que a simples razão de ter fé não recomenda, em absoluto, a criatura que pretenda candidatar-se a seguidora do Meigo Nazareno, mas sim a boa conduta, dentro e fora do lar.

Só se conduz retamente na vida aquele que busca pautar seus atos segundo as normas evangélicas que o Cristo sintetizou, de modo admirável, nas seguintes palavras: *"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"*.

Os cristãos sinceros de todos os tempos, empolgados por essa fórmula simples, como simples é tudo o que é divino, deduziram que só a sua prática é capaz de estabelecer a tão ansiada fraternidade entre os homens. E assim pensando não tiveram dúvidas em cerrar fileiras em tomo daquele que a proferiu e que foi até à cruz na sua exemplificação.

ooo

Com a multiplicidade dos fenômenos psíquicos ocorridos em todos os recantos do globo, sendo grande número deles devidamente estudados e comprovados por cientistas renomados, o que vem confirmar plenamente todos os princípios exarados na Doutrina dos Espíritos, o problema da fé cristã está, praticamente, resolvido.

Graças às poderosas luzes que essa Doutrina projetou sobre as questões atinentes ao Espírito, até então complexas e obscuras, o número de céticos e descrentes se reduziu grandemente. Por conseguinte, o momento que passa é o da divulgação dessa dublune Doutrina e o da concretização da fé através dos bons exemplos e obras.

Exemplos, dissemos, capazes de transmitir aos nossos semelhantes as virtudes

necessárias ao seu adiantamento espiritual; obras, acrescentamos, que contribuam para a am- nização do sofrimento na Terra e para o bem-estar dos povos.

Capítulo XII “O TEMPORA! O MORES”

A época que atravessamos é de ambição material. Os povos, ditos civilizados, assim havidos pelo conforto que desfrutam e não pela civilização que aparentam ter, parecem não dar importância ao mundo de amanhã. Tudo neles revela uma coisa: o interesse imediato. No seu consegui- mento não atentam aos enormes prejuízos que causam, dessa maneira, aos semelhantes. Até parece que vivemos num mundo de obsessões. Obsessão pela posse do ouro, do luxo e do poder.

Os costumes se degradam; os homens já não se entendem mais. Os religiosos abundam por toda parte, porém a maioria não leva a sério suas crenças. Ou são fanáticos ou são indiferentes. Busca-se, antes de tudo, o bem-estar pessoal, sem a preocupação, por mais leve que seja, do infortúnio do próximo que esse egoísmo quase sempre acarreta.

E a desgraça do próximo e o mundo de amanhã, que vão para as calendas...

Diante desse caos moral poderemos exclamar, como Cícero, quando verberou a degradação de seus coevos: “Ó tempos! Ó costumes!...”

● ● ●

Nunca é tarde para se fazer alguma coisa, principalmente no que se refere à humanização do plano em que vivemos . A vida atual, aqui na Terra, não é vivida como deveria ser. É disputada, conquistada numa peleja desigual e amarga, na qual se glorificam os fortes e se espezinham os fracos, quando aqueles deveriam proteger estes.

É tempo de se mudarem os costumes hodiernos desajustados, substituindo-os por outros mais condizentes.

Nenhum melhoramento, no que diz respeito ao padrão humano, poderemos mais esperar por parte das religiões dogmáticas, porque estas fizeram sua época e, por esta razão, estão fora de tempo. Esta é a oportunidade do Espiritismo. E a Ciência se encarregará de confirmar, como já vem fazendo, os conceitos divinos nele expendidos.

o o o

O homem já atingiu a sua maturidade racional. A geração nascente é constituída de Espíritos livres, inteligentes e elevados. Estes não se amoldarão, à semelhança dos que os precedem, às crenças desarrazoadas, que já não convencem a mais ninguém. Sob o império de tais crenças é que os costumes vêm se afrouxando e diminuindo os verdadeiros espiritualistas.

O patriotismo também vem sofrendo as influências malélicas desses babilônicos tempos. Por patriotismo entendemos, antes de tudo, o respeito às leis

de um país. É o que, infelizmente, não se vê. A ganância campeia por toda parte. A corrupção é inominável.

Em sã consciência, poderemos chamar a esta época como sendo a do Espiritualismo? Jamais. Todavia, deveria ser, a julgar pelo número avultado de religiões e religiosos. Se não o é, é ou porque as religiões fracassaram em suas missões, ou porque os religiosos nelas não crêem, por não encontrarem elementos lógicos que os convençam da sua origem divina. Pois bem, se é isso que os leva a vacilar quanto à sua espiritualização, o espiritismo está apto a fornecer-lhes os elementos em referência, porque os seus postulados são fruto de pacientes observações, obtidos pelo método experimental, mundialmente consagrado.

O Espiritismo está destinado a mudar o aspecto infernal da Terra, transformando-a, pela moral puramente cristã que prega, num reinado de paz, amor e alegria. Para isso, espera que os homens se interessem por ele e meditem nas consequências sadias e moralizadoras de seus ensinamentos divinos.

Capítulo XIII DA RESPONSABILIDADE DOS ESPÍRITAS

Vem sendo maior, ultimamente, o interesse dos espíritas pelo Evangelho, fato que nos leva a arrazoar o conceito do uuminado Espírito Humberto de Campos, quando disse que o Brasil é a "Pátria do Evangelho, Coração do Mundo".

Não há dúvida de que para aqui foi transplantada a árvore do Cristianismo, pois, sem favor, é no Brasil que se pratica e se estuda mais o Evangelho na sua primitiva pureza, mercê das luzes do Espiritismo.

É deste recanto do Globo, assinalado pelo Cruzeiro do Sul, que se irradiarão os esplendores benditos do vero Cristianismo que norteara a Humanidade para mais felizes destinos.

Os espíritas, compenetrados dessa circunstância, através das repetidas revelações do Alto, vêm se empenhando ativamente na difusão e prática evangélicas, buscando, cada qual, dar o que pode nesse sentido.

Espíritas ricos ou pobres, cultos ou iletrados, todos podem fazer alguma coisa nesse terreno, quer através da pena ou da tribuna, quer através dos exemplos ou das obras.

Por isso, é com a maior alegria que aplaudimos as atividades dos nossos companheiros de crença espírita no setor evangélico.

Os aspectos científico e filosófico eram os que mais interesse despertavam, em prejuízo do aspecto religioso. Agora, felizmente, todos eles vêm merecendo igual atenção.

Os espíritas compreendem perfeitamente que a força de uma doutrina reside

nos benefícios morais que oferece a todos os que nela se abeberam. Pois bem, não sabemos de nenhuma outra que supere a Doutrina Espírita.

Cabe, portanto, aos espíritas, a responsabilidade, perante o Alto, de viverem o mais possível os seus ensinamentos, como detentores que são das verdades eternas. Com os seus exemplos e o devotamento sincero à Doutrina esposada, contribuirão poderosamente para a moralização dos costumes. Proporcionarão, ainda, abrigo aos abandonados, resignação aos enfermos, esperança aos desesperados, vigor aos desanimados, implantando, dessa forma, o Reino de Deus na Terra.

E os espíritas sabem que ele é, de fato, o Consolador prometido pelo Meigo Nazareno, fadado a estabelecer o Reino do Criador na Terra.

Compete-nos cooperar nessa divina realização, através da nossa perseverança no bem e dos nossos ensinamentos e obras edificantes.

Forremo-nos de tudo quanto possa obstar ao nosso trabalho na Seara do Mestre. Estejamos sempre a postos ao toque do Alto, envidando o que de melhor possuímos para a concretização do ideal do Cristo.

Capítulo XIV COMO CONDUZIR-NOS

A grande maioria dos que se dizem cristãos ainda não se capacitou da finalidade da vinda de Jesus à Terra e, conseqüentemente, menos ainda, do conteúdo da sua Mensagem. Do contrário, não teríamos tido, jamais, conhecimento de ódios e lutas cruentas oriundas de divergências não somente religiosas, mas de toda espécie.

Procurariam por exemplo as religiões, em nome do Cristo que desejam servir, convergir seus esforços no sentido do aprimoramento espiritual de seus profíctes, combatendo-lhes os vícios, as paixões nefastas e as malquerenças, apostolando, ainda, a fraternidade legítima.

Em Jesus temos o verdadeiro exemplo do Amor Divino. Ele pregou e exemplificou o Amor entre os homens em toda a sua cruciante romagem por este orbe.

Foi, por conseguinte, modelo vivo ao qual nos devemos ajustar.

A simples razão de aceitarmos a ideia de Deus como nosso Pai e Jesus como Seu enviado, não padece dúvida de que já é um passo, se bem que diminuto, na trilha do nosso aperfeiçoamento.

Mas isso só não basta à redenção, que exige de nós a compreensão e a reparação de erros que, comumente, trazemos de passadas vivências na carne, transgredindo as leis de Deus. Esta compreensão, capaz de nos dar a conformação e as forças necessárias ao ressarcimento desses erros, nós a encontraremos na Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec.

Só o estudo dessa sublime Doutrina é que nos dará resposta racional a inúmeros problemas que nos afetam e que antes se nos afiguravam inexplicáveis face à Bondade e à Justiça de Deus. Proporcionará ela, ainda, a consciência cristã que nos conduzirá a pensar, falar e agir em termos de Evangelho, apressando assim a nossa evolução espiritual, objetivo único de nossas encarnações amiudadamente dolorosas.

A Terra, com as suas dificuldades, dores e lágrimas, é o Jordão misericordioso que nos possibilitará expungir as excrescências psíquicas que armazenamos ao longo de nossas existências, desassissadas e perversas, se soubermos ombreá-las com compreensão e ânimo cristãos.

Está em nós, pois, aproveitarmos mais esta oportunidade divina colaborando, quanto possível, com amor, para o progresso e a felicidade de nossos semelhantes. Essa é a única maneira de nos desenlarmos do círculo vicioso das reencarnações corretivas e de nos alçarmos a planos mais aperfeiçoados que o da Terra.

Capítulo XV O QUE SOMOS

Eis o mais importante de todos os problemas, cuja solução urge esclarecer à Humanidade. Esta solução nós a encontraremos no Espiritismo, que é a Doutrina que explica racional e cientificamente as coisas que dizem respeito ao Espírito até onde comporta a evolução humana. À medida que a Humanidade se eleva, novos esclarecimentos lhe vão sendo acrescentados pelos Espíritos Superiores.

A Doutrina dos Espíritos nos revela que o homem se compõe de três elementos principais: espírito, perispírito e matéria. O primeiro é o princípio inteligente, sede do pensamento, da vontade e do senso moral. É um ser consciente, individual e eterno que habita o Universo. Em condições especiais ele pode tomar-se visível aos homens.

O segundo é o intermediário fluídico entre o espírito e o corpo físico. É através dele que o Espírito age no plano terrestre e no invisível. O perispírito é, ainda, a forma que modela e vitaliza o corpo humano e que se eteriza, até confundir-se com o Espírito, à medida que este se depura. O seu papel é imenso na vida do homem, daí a utilidade em estudá-lo.

É ele que registra, de modo indelével e com nitidez, todos os nossos atos e aquisições morais e intelectuais de nossas inumeráveis existências, e os transmite ao Espírito. Estes atos e aquisições afloram em nosso Espírito, mais ou menos In sua plenitude, quando nos despojamos do invólucro carnal imprimindo maior expansão às nossas sensações boas ou más, conforme o grau de nosso adiantamento espiritual.

Quanto à matéria de que é constituído o corpo físico, esta se dissolve com a morte: seus elementos, retomando ao laboratório da Natureza, irão servir para a formação de novos corpos.

O corpo físico é um entrave à ação do Espírito e só a morte é capaz de

restituir-lhe a verdadeira liberdade.

Assim observando, chegaremos ao conhecimento de nós mesmos.

ooo

O que importa saber, ainda, é que todos nós somos perfectíveis. E uma só existência não basta para atingirmos a perfeição, finalidade do homem. É percorrendo todos os setores da vida, pela reencarnação, que o homem chegará ao conhecimento da Natureza pela qual Deus se revela. Através das diferentes situações sociais em que vier a se encontrar, é que ele se aperfeiçoará e adquirirá o conhecimento do que seja a Humanidade da qual faz parte.

Todo o mal decorrente de nossos atos, fixando-se no perispírito, torna-o pesado, denso, sujeito, por isso mesmo, à gravidade da Terra. Daí, as sensações de trevas e de sofrimentos atrozés de que os Espíritos maus se queixam quando se manifestam entre nós.

A moral e o saber são as asas do Espírito, cuja conquista fará com que este ascenda às regiões de luz.

Não esqueçamos. Somos nós os artífices de nossos destinos. Na desgraça o homem deverá queixar-se de si mesmo e, na felicidade, rejubilar-se de ter criado para si uma situação propícia.

Capítulo XVI BRUXOS

A origem e prática da feitiçaria se perde nos tempos. Já à época dos romanos, o seu exercício era muito difundido nas baixas e altas camadas sociais. Mesmo em nossa época, nos países ditos civilizados, existem criaturas que se entregam ao intercâmbio com o invisível inferior.

Os bruxos ou feiticeiros são indivíduos portadores de mediunidade que, por falta de uma orientação evangélica ou por ignorância quanto à finalidade divina que deveriam emprestar a esse dom, se afinam com entidades espirituais trevosas, utilizando-se delas para fins inconfessáveis. Mas sempre terminam mal. Se não nesta, numa outra existência, porque é da lei de Causas e Efeitos que "quem fere, fere-se".

Bruxos não são somente aqueles que, ocultamente; no recesso de suas choças, entre o fumo, o álcool, imagens, defumações, velas acesas e outros recursos de que se servem para atrair os espíritos terra-a-terra, convertem-nos em mensageiros da discórdia, da separação, das intrigas e futricas, das obsessões, das más influências e enfermidades. É verdade que nem sempre alcançam o seu objetivo, principalmente quando a pessoa visada é honesta, proba e cumpridora de seus deveres. Sendo um termo elástico, poderemos estendê-lo, igualmente, àqueles que através da inveja, do ciúme, do despeito, da calúnia e da difamação buscam complicar pessoas e lares felizes, subvertem a ordem e atravancam o progresso moral e material de uma nação por meio de manobras altistas, da demagogia e da corrupção que são outras tantas modalidades da bruxaria, embora os processos

usados sejam diferentes.

Assim, refletimos, não sem pavor, sobre a ação negre- jante dos bruxos da moral, da economia e da política, desmedidos na torpeza de suas ambições. Esta classe de bruxos é pior que aquela.

Os bons, através de pensamentos e atos positivos, podem resistir às influências nefastas dos "enviadores de despachos' ', mas não podem conjurar esta categoria em virtude de sua ação ser de âmbito geral.

Para esta espécie de indivíduos que age conscientemente e de "má-fé", a Justiça Divina será inflexível porque *"muito será pedido a quem muito foi dado"*.

Capítulo XVII A UTILIDADE DA PRECE

Criaturas existem que, embora crendo em Deus, subestimam a eficiência da prece demonstrando, assim, ignorarem a recomendação do Mestre quando ensinou: *'Orai e vigiai'*.

Por que, a despeito de tê-la encarecido o Cristo, existem os que se obstinam em repeli-la? É que acham que só fracos e pusilânimes a ela recorrem e, ainda mais, consideram as leis de Deus imutáveis e, por esta razão, nada as sustará sem que se cumpram integralmente.

É preciso que os que assim pensam atentem para o seguinte: a prece não visa embarçar a ação remissora da Justiça Divina mas, simplesmente, atenuá-la. Porquanto Deus, considerado no infinito de Seus Atributos, é também misericórdia. Doutra sorte, seria cruel.

Vemos nos presídios muitas criaturas cerceadas em sua liberdade em virtude de seus crimes. Entretanto, as leis, apesar de severas e de origem humana, facultam às mais disciplinadas gozarem um pouco dela, além de reduzirem, por boa conduta, a duração das penas. Isto lhes toma o castigo mais suportável, além de estimular a sua regeneração.

Pois bem, a prece atua mais ou menos desta maneira naqueles que são alvos, quer encarnados ou desencarnados, sofredores ou não.

Quanto aos libertos da carne que se acham em sofrimento, eles se sentem felizes por saber que existe quem neles pensa. Além de proporcionar-lhes, a prece, um refrigério para os seus padecimentos, serve-lhes de incentivo para a sua mais rápida reabilitação.

Quanto aos cativos da carne, principalmente os que se acham em dificuldades, desde que orem com sinceridade e sejam julgados merecedores da assistência do Alto, ser-lhes- ão dadas intuições como meio de resolvê-las, sem que a prece, está visto, lhes anule o esforço próprio.

Às vezes, surge o fator carma que obsta a atenção de alguns pedidos, como

resultante que é das faltas passadas de quem ora. Mas, mesmo assim, nenhuma prece sincera será em vão, porque atrai sempre a atenção dos bons Espíritos que nos auxiliarão até onde lhes possibilitem nossos merecimentos.

Muitas vezes somos atendidos em nossas preces, sem que nos apercebamos disto. Quando não o somos, não devemos atribuir o fato à ineficácia da prece, o que seria menoscar a solicitude desses Espíritos, mas sim aos nossos deméritos.

Por conseguinte, tenhamos sempre presente a observação do Cristo: "Orai e vigiai".

Oremos - para que Deus nos dê boas inspirações, forças e coragem para palmilharmos o caminho estreito desta nossa existência terrena.

Vigiemos - para não cairmos nas tentações das quais este mundo anda cheio.

Capítulo XVIII A

NECESSIDADE DO MOMENTO

Num dos seus magistrais ensinamentos, disse o Divino Mestre: *Aquele que se envergonhar de mim, eu me envergonharei dele diante do Pai que está no Céu*".

Envergonha-se do Cristo todo aquele cujos pensamentos, gestos, palavras ou atos vão de encontro aos seus ensinamentos, exemplificados em todo o transcurso da sua gloriosa e sacrificial peregrinação terrena.

Para que possamos apreciar a repercussão, no espaço, de nossos atos e palavras, basta dizer que, em uma de nossas reuniões espirituais, uma entidade esclarecida dissera que até nossas conversações, que logo passam de nós despercebidas, são comentadas lá quase que diariamente.

Quando os nossos atos e palavras são edificantes — há grande júbilo entre eles, porque encorajam grandemente para o Bem os nossos irmãos desencarnados que nos rodeiam, observam e se demoram, ainda, no mau caminho.

Porém, quando nossos atos são maus ou as nossas palavras portadoras de desânimo, maledicência ou pessimismo, influem desagradavelmente naqueles Espíritos ainda pouco evoluídos, aumentando-lhes a revolta, levando-os a associarem-se a nós pela afinidade de vibrações.

Aliás, isso pode ser observado na prática, principalmente pelos sensitivos, que logo percebem a aproximação ou a influenciação de entidades perturbadas ou perversas, toda vez que ocorre com eles aquelas fraquezas reveladoras de atrasamento espiritual.

Isso nos vem demonstrar, de uma forma concreta, que por mais que nos ocultemos, somos muitas vezes observados por uma infinidade de seres, invisíveis aos nossos olhos.

Daí a necessidade de vigilância recomendada pelo Cristo, garantidora da nossa tranquilidade espiritual aqui e, sobretudo, no Além.

Em razão de um grande desequilíbrio econômico — um dos frutos podres da guerra e de homens inescrupulosos, incitadores das misérias morais que ora envolvem o mundo —, muitos dos que se declaram cristãos estão sendo abalados em sua fé, sinal evidente de que esta não estava suficientemente consolidada.

Não padece dúvida que estamos em uma das épocas em que a fé cristã vem sendo provada.

As perturbações sociais, as explorações deslavadas e a mudança de costumes estão convocando os cristãos e dentre eles os espíritas — os mais aquinhoados — a redobram esforços no sentido de manterem bem vivas as recomendações do Divino Mestre, através dos exemplos e dos ensinamentos. Os vacilantes talvez fracassem na hora da provação. Porém, o mesmo não sucederá com aqueles que compreenderam o nada das encenações terrenas e buscam situar a mente em planos mais elevados ao terra-a-terra, cumprindo fielmente os postulados cristãos.

Destes, o Mestre não se envergonhará *"diante do Pai que está no céu"*.

Capítulo XIX ESTUDEM, ANTES DE NEGAR

Apesar da má vontade de alguns e dos ataques de outros, o Espiritismo vem se impondo no seio das pessoas como Ciência e Filosofia de consequências religiosas, proporcionando de forma evidentemente racional o reencontro do filho com o seu Pai Celestial.

Os que até ontem o maldiziam, o repeliam como bruxedo, ao seu contato já vão lhe fazendo justiça, porque nele encontraram o que ansiosamente vinham buscando em vão nas seitas religiosas: a verdade sobre a imortalidade da alma.

Muitos dos que clamam que a alma não existe e que a vida se fana numa vala, já vão sentindo, dentro de si, algo de divino que ama, deseja, sabe o que sobreexiste ao desfazimento do corpo perecível. Seus brados são mais de revolta pelas falsas doutrinas religiosas que pregam o que não crêem, o que não praticam e nem sentem, do que propriamente descrença. Chegamos a esta conclusão depois de longas conversações que mantivemos com pessoas materialistas. Algumas destas tiveram a oportunidade de estudar as obras fundamentais do Espiritismo, primeiramente *O Livro dos Espíritos*, lamentando hoje o tempo que perderam desinteressadas pela sublime Doutrina.

Outra conclusão a que chegamos, depois da troca de ideias com respeitáveis materialistas, é a de que muitos que combatem o Espiritismo não o estudaram pela base, mas superficial e ligeiramente. Outros que o estudaram com interesse, pela razão de não o terem analisado na prática, relegaram-no para o terreno das fantasias.

De um e outro modo, laboram em erro os que o julgam assim, "a priori".

O Espiritismo, embora o ignorem os religiosos das diversas seitas e os materialistas, é a aspiração máxima de todos. É o que o homem vem procurando, vâmente, através de dominios e riquezas falazes.

Só o Espiritismo pode facultar ao homem uma fé robusta. A fé que a sua Doutrina gera é baseada no raciocínio lógico e em fatos comprováveis. A sua compreensão e prática é que assegurarão a Justiça Divina na Terra e , conseqüentemente, a tão almejada paz entre os homens.

Capítulo XX O PIOR DOS CRIMES

O Divino Mestre foi, indubitavelmente, o maior revolucionário da Terra, como igual o mundo jamais conhecerá. Isto, pelas verdades eternas que ensinou desassombra- mente, apesar das perseguições contumazes que lhe moveram naquela época de corrupção desbragada e de fácil agressividade.

Humilde, soube vencer galhardamente pela persuasão que era a sua característica, cumprindo, assim, a sublime missão de Redenção Humana moldada no amor a Deus e ao próximo. Por isso, ele será sempre o Príncipe da Filosofia Eterna.

Os mundos se extinguirão. A Terra se dissolverá um dia. Porém, jamais as suas palavras, porque são eternas como a fonte donde provieram: Deus. Queiram ou não os homens, os seus ensinamentos se cumprirão até o último. Assim é a Vontade Divina.

Dos seus ensinamentos destacamos, pela oportunidade, aquele que diz: *"Não temais os que matam o corpo, mas os que matam a alma"*. Ensino profundo este e de grande alcance filosófico, porque desperta a nossa alma à compreensão do pior dos crimes do qual devemos nos precatar como cristãos que desejamos ser.

Jesus, assim ensinando, deixou evidente o seguinte: pior do que matar o corpo é matar a alma.

Mas, como se mata a alma? Envenenando-a com falsas teorias e dogmas obsoletos, com ditos obscenos e subversivos, com exemplos perversos e clamorosos que levam, muitas vezes, as criaturas que os ouvem ou vêem a alimentar sentimentos inferiores. Eis o que é pior do que matar o corpo, como Jesus ensinou, porque essas inferioridades predispõem a alma inexperiente à prática de graves cometimentos, de terríveis conseqüências aos seus autores.

Ninguém ignora que são esses sentimentos mesquinhos, inoculados nas almas desprevenidas por indivíduos solertes, anarquizadores e sem Deus, a origem dos males que têm chegado à Humanidade em todos os tempos.

Aos cristãos conscientes cabe a importante tarefa de combater e exterminar esses sentimentos do seio da Humanidade infeliz e sofredora, alteando a luz emanante do Evangelho do Cristo.

Capítulo XXI

CRISTIANIZAÇÃO

Há quem atribua ao progresso destes últimos tempos a causa da degradação de caracteres que campeia pelo mundo.

Assim, vemos alguns crentes, notadamente os da velha igreja, apalermados por tamanha decadência moral, responsabilizarem o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas como acoroçadores da imoralidade.

Embora também desaprovemos a baixa qualidade dessas divulgações, partidas, naturalmente, de indivíduos sem Deus e sem o menor respeito para com o gênero humano, forçoso é convir que a principal responsável é a péssima formação espiritual dos que se comprazem com esta espécie de expectação e leitura. É óbvio que se não houvesse os afeiçoados, todos esses anedotários de duplo sentido e as publicações fesceninas que presenciamos comumente perderiam a razão de ser.

Ainda que alguém, forçado pelas circunstâncias, testemunhasse imoralidades, elas não o influenciariam se fosse dotado de sã espiritualidade. Seria como uma casa edificada sobre a rocha, de que nos fala o Mestre, em que os ventos da impudicícia, os rios das dificuldades e as tempestades das ingratidões e dos vícios não prevaleceriam contra ela, embora a combatessem duramente.

Os ensinamentos do Meigo Nazareno são claros e acessíveis aos mais humildes de intelecto porque, antes de tudo, falam ao coração. Por isso, dispensam as exterioridades para a sua divulgação.

Não será com aparatos, censuras e apelos histéricos que se cristianizará o mundo, pois que estes recursos são incompatíveis com a essência cristã e fora do tempo em que vivemos. O objetivo será conseguido com o conhecimento e a boa vontade na propagação das verdades cristãs, revestidos de humildade e bons exemplos. Aliás, estes foram os traços marcantes com que se houveram os apóstolos do Cristo e que cumpre, aos seus continuadores, imitar.

A Humanidade, da qual somos parte, vítima do materialismo impenitente que tem sido, atravessa uma fase dolorosa de guerras, fome e misérias morais. Daí, a necessidade da conjugação de todos os valores morais em seu benefício, a fim de permitir-lhe viver mais dignamente no mundo de amanhã, sem as vergonhas deste século.

Capítulo XXII COMO SE AMA A DEUS

A descrença em Deus, o Supremo Criador de tudo quanto existe, tem levado

muitas criaturas aos extremos.

Um, desiludidas da vida, buscam nos vícios ou no suicídio o modo infalível para dela fugirem. Outras, desesperadas por sofrimentos atroz, blasfemam inconsoláveis, perdendo, em razão disso, o mérito do resgate. Outras ainda, buscam tirar o máximo proveito de ordem material desta curta existência, pouco se lhes dando a desgraça do próximo.

O que crê em Deus e realiza a Sua Vontade já conquistou a si próprio. À frente das vicissitudes da vida, ele mostra firmeza de ânimo porque sabe que tudo tem a sua razão de ser e obedece a sábios desígnios. Não conhece o desespero, a indiferença, e sempre busca realizar a vontade do Pai fazendo ao próximo o que desejaria que lhe fizesse, na alegria ou na dor.

o o o

A fé e o amor a Deus se expressam na realização da Sua Vontade consubstanciada nos dois maiores mandamentos, dos quais o Cristo foi o seu exemplo vivo.

Os que não acreditam em Deus são os que não fazem a Sua Vontade. Podem dizer, à boca larga, que Nele crêem, todavia se a sua conduta não é boa, se os seus atos não forem de acordo com o que preceituam os Evangelhos, positivamente não têm fé nem amam a Deus.

Para encerrar, passamos a palavra ao grande vulto do Espiritismo, Léon Denis, que assim se expressa: *"Deus não é desconhecido, é somente invisível. A alma, o pensamento, o bem, a beleza moral são igualmente invisíveis. Entretanto, não devemos amá-los? E amá-los não será ainda amar a Deus, sua origem e ao mesmo tempo o pensamento supremo, a beleza perfeita, o bem absoluto?"*

Capítulo XXIII JESUS E NÓS

O conhecimento da Doutrina Espírita implica em grande responsabilidade para os seus possuidores, como ensina o *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quer no tocante aos pensamentos que emitem, quer na expressão e exteriorização de palavras e atos.

Ser espírita não é somente frequentar sessões espíritas, conhecer e pregar os seus ensinamentos, mediar Espíritos no sentido de consolar e curar. Mas sim, cuidar, sobretudo, da reforma moral. Esta a finalidade principal do Espiritismo, imprescindível ao estabelecimento do Reino de Deus na Terra.

Com a Codificação Kardeciana, os Céus se desvelaram e novas revelações no que tange à espiritualidade se derramaram sobre os objetos da esperança de Nosso Salvador, agora representados pelos espíritas, aos quais compete exemplificá-las e veiculá-las por todo o orbe.

Por aí, se pode avaliar a responsabilidade dos espíritos, pela certeza que adquiriram, através do Espiritismo, da imortalidade da alma e de uma vida melhor, pela prática das boas ações, uma vez transpostas as barreiras da carne.

Os espíritas simbolizam os "trabalhadores da última hora", sobre cujos ombros foi colocada a tarefa espinhosa, porém enobrecedora, de continuarem o apostolado do Divino Mestre. Esta tarefa, se levada a bom termo, pode redimi-los de seus débitos passados para com a Humanidade e proporcionar-lhes um futuro espiritual feliz.

ooo

O Divino Mestre volve, agora, o seu olhar amorável para esses obreiros devotados do Bem, deles esperando á divulgação e prática de seus ensinamentos em "espírito e verdade" como ensina o Espiritismo, única maneira de irmanar os homens e tomá-los felizes. Isto porque, até então, os seus ensinamentos têm sido obscurecidos e deturpados pelos seus falsos seguidores, preocupados tão-somente no atendimento de seus interesses.

Cerremos fileiras, portanto, em tomo do ideal salvador do Cristo, resumido no "*Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo* Busquemos projetar largamente as luzes benditas da Terceira Revelação para a mais rápida recristianização do mundo.

Capítulo XXIV SUPREMO CONSOLO

Com a desencarnação da companheira de cinquenta e sete anos de vida conjugal, nosso sogro entrou em profundo abatimento, alheando-se a tudo e a todos, permanecendo neste estado por mais de um mês. Foi quando decidimos levá-lo a Uberaba, em busca do Chico, na expectativa de um lenitivo à saudade dolorida que o acabrunhava.

Chegados a Uberaba, após pequena pausa para o refazimento das energias da longa, mas agradabilíssima viagem sobre o asfalto e debaixo de um céu amplo, claro e ameno, rumamos ao "Comunhão", juntamente com a esposa, a cunhada, o cunhado que nos transportara em seu automóvel e nosso sogro.

Lá chegando, divisamos o admirável Chico, atendendo verbal e carinhosamente, como sempre o faz, uma longa fila, esperando igualmente a nossa vez.

Quando o atendimento ia ao meio, Chico, escusando-se, adentrou um pequeno recinto, fechando-se nele de tal sorte que não pudemos ser atendidos. Ficamos sabendo, depois, que o abnegado irmão havia sido orientado pelo seu guia espiritual para a recepção mediúnica de receitas aos inúmeros pedidos de consultas que se avolumavam sobre a mesa e, entre eles, os nossos, inclusive o do nosso sogro. Findos os pedidos da maior parte das pessoas que ali se encontravam, estes foram encaminhados ao médium.

Haviam decorrido três horas aproximadamente — a esta altura o relógio marcava meia hora do dia seguinte —, quando o Chico saiu do referido recinto. Logo após, as receitas eram distribuídas aos seus destinatários. Todos

demonstraram grande contentamento ao constatarem a precisão da finalidade dos medicamentos que lhes foram receitados pelos Benfeitores Espirituais.

Porém, a mensagem de emoção e júbilo indescritíveis, portadora de supremo consolo, a par de inequívocas provas da continuação da vida depois de largados os despojos mortais na escuridão da sepultura, estava reservada ao nosso sogro, tão incorformado pela separação física da que foi sua consorte estremecida por longos anos, duramente provados no cadinho das experiências terrestres.

Transcrevemos abaixo, na íntegra, a mensagem retro- aludida, esperando que ela sirva a todos os que passaram ou venham a passar pela dor da separação — como no caso do nosso sogro — de estímulo no prosseguimento da jornada terrena com todas as suas lutas e vicissitudes, de consolo e de esperança de um feliz reencontro com aqueles que amamos e que nos precederam no Além.

Ei-la:

"Filho, devotados Amigos Espirituais estão amparando a nossa irmã Amanda em seu necessário refazimento. Acalme o seu coração de companheiro, confiando em Jesus. Aquela que o seu carinho de homem de bem sempre considerou como sendo a Rosa de Luz de seu caminho muito breve estará cooperando em seu auxílio. Ajude-a com a sua paz. Jesus nos abençoe".

Cumpre-nos assinalar aqui que o nosso sogro somente naquela oportunidade vira o médium pessoalmente, ambos não trocaram palavra, bem como nenhum de nós, seus acompanhantes. Por conseguinte, o médium não estava a par da sua viuvez e do objetivo da sua visita.

Outro fato relevante: apesar de termos convivido com a nossa sogra durante mais de quatro anos, ignorávamos completamente que o seu nome fosse AMANDA, conforme consta da mensagem. Nós a chamávamos por Armanda, do mesmo modo que a chamava o nosso sogro.

Concluindo, queremos agradecer ao Pai Amantíssimo pela presença do nosso querido Chico entre nós e, ao mesmo tempo, rogar o cumule de bênçãos cada vez mais, pelas copiosas mensagens plenas de sabedoria, carinho, consolos e esperanças inefáveis que do mais Alto vem carreando à Terra através de sua mediunidade gloriosa e bendita. E, principalmente, pelos seus exemplos de amor e humildade.

Capítulo XXV DIANTE DA ENFERMIDADE E DA MORTE

Causa-nos espécie, senão repugnância, a atitude ridícula e desencorajadora de certas pessoas diante de um enfermo.

Destituídas do mais elementar princípio de humildade, ao visitarem um doente, põem-se a falar de tudo e de todos, com impressionante desenvoltura. Exageram a enfermidade com cores negras, quais corujas de mau agouro; esmiúçam a sua

vida, convertendo-a logo em tema central de suas longas e cacetes conversações, levando assim o desespero e a desolação ao lar, antes cheio de esperança pelo restabelecimento do ente querido.

Diante da morte, a atitude dessas pessoas não é muito diferente.

Transformam o recinto mortuário em uma espécie de tribuna livre, onde os assuntos mais corriqueiros, tais como: problemas domésticos, política e outros são ventilados com desfaçatez, não faltando mesmo os comentários desairosos em tomo da pessoa desencarnada. Se esta deixou bens, quase comuns as divergências entre elas; quando herdeiras, às vezes, vão às vias de fato antes do corpo baixar à sepultura.

Paralelamente, o contrário se verifica quando a visita a um enfermo é a de um espírita compenetrado de seus deveres. É sempre esperado com ansiedade, como se fora mensageiro de Deus, porque ele é instrumento de conforto e esperança e, não raro, de cura.

No que se refere à morte, o Espiritismo desensina o choro lastimoso e o desespero exarcebado frente à desencarnação de um familiar, porque isto implicaria revolta contra os desígnios de Deus. Mas, ensina sim, que este momento deve ser cercado de respeito e prece a favor do desencarnado, de consolo e mesmo auxílio, quando necessário, aos seus familiares.

Nessas condições é que as visitas aos enfermos e aos que largaram o corpo físico tornam-se caridade.

Só pela prática da caridade é que evidenciaremos o nosso amor ao próximo e a Deus.

Capítulo XXVI MEDIUNIDADE LATENTE

Causa-nos pena ver certas criaturas, dotadas de apreciável vitalidade, a par de uma mediunidade incipiente que, por ignorância, preconceito religioso ou má vontade, se descuram de exercitá-la, decorrendo para elas, em consequência, sérios prejuízos de ordem moral e física, além de privarem muita gente necessitada de seus benefícios.

Geralmente, essas criaturas padecem de inquietações, provenientes da própria mediunidade desprezada ou ignorada. São impacientes, irritadiças e de difícil trato, vivem se queixando de enfermidades que só existem nos próprios Espíritos ignorantes ou maus que as envolvem e lhes incutem tais pensamentos enfermigos.

Em nossas reuniões mediúnicas, tivemos oportunidade de libertar algumas criaturas de supostas enfermidades, depois da doutrinação dos Espíritos que as afligiam. E o subsequente desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, juntamente com o estudo metódico das obras kardecianas, fortaleceu-lhes o bem-estar geral.

A causa das perturbações a que acima aludimos, por parte dessas criaturas,

prende-se ao fato de elas não movimentarem grande soma de fluidos de que são possuidoras, em direção ao Bem. Assim, esses fluidos estagnados por falta de dispersão, no sentido de aliviar, confortar, ensinar e curar os que sofrem, que é a sua finalidade precípua, congestionam o sistema nervoso de seus detentores, propiciando o avizinhamo de Espíritos infelizes que os arrastam à perturbação. Muitas vezes essas criaturas são levadas, ainda, a chafurdarem no lodaçal dos vícios ou à criminalidade e, não raro, à demência, quando não enleadas por entidades espirituais perversas e pertinazes.

o o o

A mediunidade é um dom que Deus concedeu às criaturas a fim de se reabilitarem, através da prática honesta e desinteressada, dos erros de passadas existências, concorrendo ainda para a elevação espiritual de seus semelhantes. Ninguém a conspurca ou a relega impunemente. Segundo a Doutrina Espírita, os seus portadores responderão pelo uso que dela fizerem.

Por isso, quando nos defrontarmos com indivíduos desavisados, com indícios de mediunidade, não titubeemos em esclarecê-los quanto à necessidade de seu desenvolvimento, encaminhando-os para uma sociedade espírita idônea, onde possam receber a assistência de que carecem.

Assim procedendo, estaremos contribuindo — e disso temos muitos exemplos — para que essas criaturas não venham a ser objeto de alguma obsessão, ou vítimas da loucura, da qual o Espiritismo é o imunizador por excelência.

Capítulo XXVII NO PALCO DA TERRA

A Terra, com suas lutas, incompreensões e amargores, constitui-se no palco onde fomos colocados péla Divina Providência, a fim de ressarirmos erros e amalharmos experiências aperfeiçoadoras de nossos Espíritos.

Em decorrência de acertos e desacertos carregados do pretérito nos encontramos presentemente no lugar devido, com tarefas definidas e perfeitamente condizentes com as nossas condições evolutivas. O objetivo é o adestramento espiritual capaz de nos alçar, através dos próprios esforços, a planos de vida mais elevados.

Para a nossa legítima felicidade, ilusoriamente buscada na satisfação sensorial, o Pai facultou-nos todos os recursos necessários ao seu conseguimento, notadamente o que estabelece o preceito divino: *"Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos"*.

Eternos viajores que somos rumo ao Infinito da Perfeição, sem pouso duradouro em parte alguma além do necessário ao nosso adiantamento prefigurado nas asas do saber e da moral, cumpre desvincularmo-nos dos nossos erros

passados e presentes, absolutamente subjugáveis, e forrarmos para sempre, das descidas aos planos sofrimentais.

O homem é conversível. Se assim não fora, nenhuma razão existiria para que Deus, na Sua infinita Sabedoria, enviasse Seus Mensageiros que se empenharam bravamente, e muitas vezes com o sacrifício de suas próprias vidas, no erigimento espiritual do homem.

Valorizemos, portanto, a oportunidade desta encarnação, encarecidamente por nós solicitada e não raro custodiada por merctores espirituais que confiaram nas possibilidades da nossa regeneração. Busquemos assimilar e pôr em prática os ensinamentos legados pelos Corifeus da Espiritualidade, a fim de que, amanhã, quando estivermos do outro lado, não venhamos a nos arrepender do malbaratamento dessa nossa curta existência.

Capítulo XXVIII FRATERNIDADE CRISTÃ

Só a compreensão e a prática da fraternidade cristã é que poderão tomar o homem feliz e apressá-lo na escala evolutiva da Espiritualidade.

A fraternidade cristã não se restringe a uma pessoa, a uma família, ou a um povo. É universal porque abrange tudo e todos. Do minério ao homem, deste ao infinito, tudo se entrosa, se encadeia. É lei à qual todos estão sujeitos e ninguém pode se furtar, em que pese seu orgulho.

o o o

Fraternidade não é ajuntamento. Vemos, muitas vezes, uma família reunida sob o mesmo teto, não obstante não seja unida. Está ajuntada, mas não irmanada.

A fraternidade, para ser legítima, tem que se assentar nos magnos princípios evangélicos salvadores do homem: *Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo.*

Lemos na história religiosa que os arautos da fé e do bem arrostaram toda uma existência de sofrimentos e privações pela elevação moral do homem.

Exemplo grande esse de fraternidade cristã. Mostraram, assim procedendo, a possibilidade e a necessidade de tal prática, a única que poderá construir um mundo melhor e assegurar um futuro espiritual promissor.

Capítulo XXIX “PARA UM MUNDO NOVO, HOMENS NOVOS”

“Para um mundo novo, homens novos”, diz o grande vulto do Espiritismo, Léon Denis. E, para que o mundo seja melhor, é preciso que os homens sejam melhores, o

que só se conseguirá através de uma educação com base espiritual científica. Esta, sem favor nenhum, só o Espiritismo poderá oferecer, porque ele é essencialmente científico, e a moral decorrente de sua filosofia é puramente cristã. Não nos cansamos de repetir que ele é o Consolador prometido por Jesus.

As igrejas dogmáticas, com os seus métodos arcaicos e pouco convincentes em virtude de não serem precedidos de bases científicas — exigência inelutável deste século, em que a razão se acha mais amadurecida com o progresso da Ciência —, já não influenciam mais, como não influenciaram como era de se esperar, na formação moral dos povos.

A moral imposta pelo terror do "inferno", na qual ninguém que tenha um pouco de bom-senso acredita mais, é falsa, e não melhora na verdade o homem. Ou o toma fanático, ou o toma vacilante.

A educação moral não se aprende, é óbvio, nas escolas, porque o que aí se ensina é uma educação convencional, que periclita e se apaga quando cessa o seu interesse.

Moral verdadeira é a moral cristã, escoimada dos prejuízos de seitas. E o Espiritismo, como Ciência que ê—pois que o seu corpo doutrinário é baseado em fatos concretos e não em dogmas ou hipóteses —, está credenciado, superiormente a quaisquer credos religiosos, a enunciá-la na sua pureza e simplicidade primitivas. Em razão disso, o Espiritismo está destinado a renovar os homens, tomando-os melhores, através da prática dos seus ensinamentos divinos.

Só com a chave que faculta o Espiritismo é que se podem abrir os arcanos das verdades imortais ensinadas pelo Cristo. Por conseguinte, sem Espiritismo não há, verdadeiramente, Cristianismo.

A corrupção atual constitui-se num atestado de óbito aos métodos de educação moral sem base científico-religiosa.

ooo

A geração que surge há de ser espírita, se quiser sobreviver ao caos moral em que o mundo se debate. Por isso, reveste-se de grande importância o papel dos pais espíritas na educação de seus filhos. Missão nobilíssima esta, porque objetiva forjar caracteres nobres para o mundo de amanhã, em que a fraternidade, a paz e a justiça deixarão de ser palavras vãs.

Capítulo XXX RECORDANDO VINÍCIUS

No período de **1946** a **1951**, quando prestávamos nossos humildes serviços na Federação Espírita do Estado de São Paulo, tivemos a rara felicidade de privar quase que diariamente do convívio do preclaro, saudoso e venerando Pedro de Camargo, sobejamente conhecido pelo pseudônimo Vinícius nos meios espíritas.

Durante todo esse tempo ele nos confiou a datilografia para a imprensa de seus

trabalhos, vazados num estilo todo seu, ameno e escoreito, em que se vislumbrava a intenção louvável do autor em veicular os ensinamentos do Divino Mestre sob as claridades da nossa Doutrina, de forma acessível ao intelecto mais modesto.

As suas tertúlias, realizadas pela manhã na sede daquela entidade durante muitos anos, acorriam espíritas e profíctentes de diversos credos religiosos, ávidos de conhecimentos evangélicos e que viam nele um autêntico exegeta.

A despeito de seus afazeres particulares e dos trabalhos intensos que desenvolvia na Seara do Mestre, nunca o vimos mal-humorado. De toda a sua pessoa fluía sempre doce magnetismo.

A sua palavra amiga e sábia apaziguava e enchia de conforto aos que dele se acercavam, em busca de uma solução para os problemas, às vezes os mais complexos, atendendo a todos com objetividade e benevolência.

Dotado de humildade evangélica, Vinícius foi ainda um bravo. Lutou sempre pela espiritualização do homem.

Garimpeiro do Evangelho e propugnador da eternidade de seus ensinamentos, Vinícius sabia extrair, dessa fonte inesgotável, preciosas ilações e adequá-las à vivência de cada um.

Pregou infatigavelmente pela tribuna, pela imprensa e pelo rádio, o Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo, tendo sido seu FIEL intérprete. Participou ativamente da Unificação Espírita em nossa terra. Pugnou com afã pela Educação, porque entendia que "quem educa salva", acrescentando que Jesus foi o Salvador dos Homens porque foi o inigualável Educador.

Com a fundação do Instituto Espírita de Educação, do qual foi digno presidente, e a criação do Externato Hilário Ribeiro, sobre o qual fizemos inserir no jornal "A Nova Era", em fins de 1959, extensa reportagem, Vinícius viu realizado o seu sonho que há muito tempo vinha acalentando.

Na longa romagem terrena, Vinícius, através de exemplos e obras, deixou intensos clarões de luz inapagável, bem como um precioso legado à posteridade, que são os seus quatro livros que constituem um verdadeiro manancial de ensinamentos cristãos. Em ordem cronológica, escreveu: *Nas Pegadas do Mestre - Em Torno do Mestre - Na Escola do Mestre e Na Seara do Mestre*.

Recentemente, a Federação Espírita Brasileira editou, sob o título de *O Mestre na Educação*, um livro que enfeixa copiosos trabalhos seus, que se achavam esparsos, constituindo com os acima referidos valioso tesouro da Educação.

Em nossas reuniões semanais no lar, a par do estudo obrigatório de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* lemos também com grande aproveitamento pela sua elucidação um capítulo das suas obras.

A leitura das obras de Vinícius permitirá aquilatar o seu espírito missionário e a sua inestimável contribuição à Doutrina Espírita.

Capítulo XXXI “EIS O CORDEIRO DE DEUS QUE TIRA O PECADO DO MUNDO”

O título que nos serve de epígrafe encontramos no cap. 1, v. 29, do Evangelho de S. João. Foi a expressão do “endi-reitador das veredas” ao defrontar com Jesus, o expoente máximo das verdade eternas.

A descida à Terra, em condições humildes, é bem de molde a fazer com que não demos tanta importância às coisas mundanas, em detrimento das espirituais, que devem prevalecer em todo o sentido.

O objetivo principal de sua estada na Terra foi o de despertar nossa alma, milenarmente engolfada na materialidade, ao amor para com o próximo e a Deus. Mas, o que é o pecado e por que o Cristo o tira do mundo?

João, o precursor do Cristo, foi inspirado quando exclamou ao avistar o Cristo: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!*

Se bem que seja ocioso detalhar o significado da palavra pecado, vale a pena insistir, porquanto a maioria dos homens, amolentada que se acha nos prazeres do mundo, muitas vezes o tem confundido com a própria virtude.

Pecado é ódio, o ciúme, a guerra, o adultério, a devassidão, a hipocrisia, a inveja, o orgulho, a vaidade, a ambição, o egoísmo, o homicídio, a desonestidade, em suma, tudo o que de mal desejamos ou fazemos ao próximo.

O Mestre dos mestres tira o pecado do mundo porque a prática dos seus ensinamentos assim o faz crer. Se a observássemos, o pecado com todas as suas consequências nefastas seria expungido deste planeta e este se transformaria num reino de alegria, de paz e amor.

Para que isso se realize de fato na Terra, é mister que cada um de nós busque voltar-se para Jesus.

Como exemplo, podemos citar Paulo que, tendo perseguido tenazmente os cristãos, converteu-se mais tarde para o Cristo, tomando-se o seu maior porta-voz.

Oxalá pudessem os homens compreender, como Paulo, a maravilhosa ciência de *recomeçar*, correndo, desde agora, um véu sobre o homem velho para *renascer* num homem novo. A Humanidade seria mais feliz e a Terra, um paraíso.

ooo

Vinte e cinco de dezembro. Por toda parte há festa e hosanas ao Divino Mestre. Porém, quem quer que tenha manuseado o seu Evangelho convirá que ele, nesse dia, terá mais alegria com a conversão do pecador do que com as festividades que se lhe tributem e de que não necessita.

Converter-se para o Cristo é-tomar-se bom, se mau; justo, se injusto; é

enriquecer o Espírito de virtudes, se não as possui; é pôr à parte os vícios, se viciado; é imprimir conduta retilínea à vida, se desregrada. Em última análise, é praticar os seus dois maiores mandamentos.

Tal conversão agradará mais ao Nazareno, cujo natalício costumam comemorar no dia **25** de dezembro, do que todas as homenagens que a ele se dediquem, por mais nababescas que sejam.

Capítulo XXXII O “DIABO” E O “INFERNO”

Juízo bem diverso da igreja de Roma e de outras faziam o Cristo e seus apóstolos em relação ao “diabo”.

Estes o compreendiam como ele é na realidade e não conforme as alegorias que em tomo dele teceram as seitas pretensiosas, no intuito de dar força aos seus frágeis dogmas.

Para aquelas o ‘diabo’ é um dos numerosos membros da legião demoníaca lançada pelo Criador ao “inferno” porque, segundo elas, sé rebelaram contra Ele. Cristo e seus discípulos, entretanto, viam nessas entidades maléficas, denominadas “diabos”, espíritos jovens e, conseqüentemente, pouco evoluídos, mas com probabilidades de se tomarem adultos, através das vidas sucessivas.

Em algumas passagens evangélicas verificamos que Jesus e seus discípulos os expeliam de suas vitimas, como fazem hoje os espíritas especializados nesta tarefa.

Essa categoria de espíritos (‘diabos’), mais ignorantes do que propriamente maus, segundo a concepção espírita* são seres retardados ou recém-criados e que não tiveram, por este motivo, tempo suficiente ou oportunidades para adquirirem experiências mais amplas, que culminam sempre no Amor Universal, do qual Jesus fora seu exemplo vivo.

Apesar de maus e sujeitos às “trevas e ranger de dentes”, diante deles se deparam ensanchas ilimitadas porque estas jamais faltaram a quem quer que seja através das reencamações, tendo-se presente a longanimidade do Pai Celestial e a imperfeição de seus filhos que se debatem ainda nas regiões inferiores.

O Céu e o Inferno, como nos ensina a Doutrina Espírita, existem por toda parte. Cada um, de acordo com o grau de evolução, de lá tirará seus gozos ou infelidades.

Logo, o inferno não é um lugar circunscrito como imaginam alguns, adrede preparado para receber seus hóspedes perpétuos, irremissíveis, mas um estado de alma, ou ainda uma condição do meio em que se vive, principalmente se medíocre como é ainda a Terra.

Assim, “diabo” e “inferno” encontraremos aqui mesmo.

Quanto ao primeiro, não é preciso que o vejamos de frente comígera, com

forquilha, garras, cauda e olhos fuzilando fogo como tem exagerado a imaginação de algumas seitas na sua pintura, para intimidar os crentes por falta de recursos racionais que os convençam.

Nós o veremos personificado nos indivíduos ambiciosos, perversos, caluniadores, ardilosos e maganões, causadores principais das guerras, das discórdias e outros males que tanto têm afligido e continuam a afligir a Humanidade. Por causa de tais elementos é que o mundo continua sendo o que é.

Quanto ao "inferno", não é preciso que o busquemos alhures.

Basta que olhemos a Terra por ocasião das grandes hecatombes. As províncias ou cidades devastadas pelas revoltas bélicas ou assoladas pelas misérias ou epidemias.

Eis o "diabo" e o "inferno" realizados em nós, no nosso meio e em toda parte onde existem aqueles aleijões morais.

o o o

Existe uma outra categoria de 'diabo' que nos permitimos denominar "diabinhos"...

Referimo-nos aos maus e inúteis pensamentos que abrigamos em nossos cérebros e aos sentimentos daninhos que aninhamos em nossos corações, quais víboras a envenenar-nos e aos outros.

Estes são o chamarisco do acima referido porque proporcionam ambiência para a sua instalação. São eles, ainda, a origem de nossas angústias e dissabores, pois que levam o perigo à saúde e à alma.

Esta espécie de mal é muito comum em nossos dias. Em vão se tem procurado a sua cura com regimes, dietas, re-mpédios e climas, porquanto é de natureza contrária à material, ou seja, psíquica. Por isso requer um tratamento consuetâneo: *"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"* é o remédio por excelência.

Quando todos compreenderem, sentirem e praticarem essa máxima do Divino Mestre, que por si só encerra toda a felicidade futura do mundo, então se viverá, nele, de fato, sem "diabo" nem "inferno".

E haverá vida, "vida em abundância".

Capítulo XXXIII O ESPIRITISMO E O EVANGELHO

Onde mais se fez sentir a importância do Espiritismo como libertador da consciência humana foi, sem dúvida, no Evangelho do Cristo. Com as poderosas luzes que lançou no Evangelho é que nos foi possível compreender o maravilhoso papel que o Divino Mestre desempenhou na Terra, a sublimidade dos seus ensinamentos e a vontade do Pai na qual foi o maior revelador.

Da realização da vontade de Deus, consubstanciada nos dois grandes

mandamentos cristãos, dependerá a felicidade, vãmente buscada por meios escusos.

Não é desconhecido, nem do próprio irreligioso, que a confusão ideológica reinante, prenunciadora de sombrios dias, provém da falta de compreensão e de fraternidade entre os homens. Enquanto a fraternidade cristã não se estabelecer entre as criaturas, tudo o mais que se fizer nesse setor não passará de mera fantasia.

Cultua-se muito o Cristo, pouco importando aos seus cultuadores o que ele realmente deseja de todos.

ooo

Laboram em erro os que acham que os ensinamentos do Mestre não foram eficientes na moralização dos povos, a despeito de inúmeras igrejas terem sido edificadas em seu nome.

Se culpa existe, esta deve ser atribuída única e exclusivamente aos seus pretensos seguidores, por lhe terem falseado os ensinamentos. Isto porque, à mangedoura de Belém, preferiram o trono de ouro; à humildade do Cristo, desejaram a vaidade do mundo. Eis a causa primacial.

Hoje, os tempos são outros. O homem já começa a despertar para a realidade espiritual, farto que se acha dos engodos dogmáticos. O Espiritismo, Consolador prometido por Jesus e que deveria restabelecer todas as coisas, vem, a passos largos, cumprindo a sua alta missão de revelador do destino do homem e do futuro bom ou mau que o aguarda no Além, conforme as suas obras. Vem demonstrar palpavelmente que o homem não é somente esse barro que há de transformar-se, mais tarde, em pó, mas que nele habita algo de divino que sobreviverá ao perecimento do corpo somático, algo esse que é ele mesmo.

ooo

Quem quer que tenha estudado o Espiritismo pela base compreenderá, de pronto, a poderosa contribuição que ele oferece à elucidação do Evangelho. Com o florescimento do Espiritismo num futuro próximo, a Boa Nova deixará de ser esse instrumento das ambições clericais para ser, como realmente é, fator de alevantamento moral do homem e do seu encontro com o próprio Criador. Por isso, a tarefa do momento é a tarefa do Evangelho.

Para que o Evangelho alcance o seu objetivo, toma-se necessário que, saindo dos lábios dos seus pregadores, lhes penetre o coração, exteriorizando-se em obras.

É grande, pois, o papel dos seus propugnadores na hora que passa. É mister que se revistam da *humildade* ensinada pelo Cristo e da indispensável *vigilância* para o seu feliz desempenho.

E estejam certos de que não caminharão sozinhos, porque esta tarefa conta com o amparo do Alto.

Capítulo XXXIV SIGAMOS O MESTRE

S. Marcos: cap. 8, v. 35 - Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor a mim e do Evangelho, esse a salvará.

V. 38 - porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos.

Nos tempos que correm é prudente a leitura e meditação dos ensinamentos acima por todos aqueles que desejam seguir o Mestre.

Como previra Jesus, o aviltamento moral, agora em maior proporção, vai se alastrando por este mundo afora, envolvendo sutilmente os espíritos pusilânimes e afastados de Deus e levando ainda à confusão algumas almas eleitas.

As recomendações do Cristo são bem claras e não deixam margem a falsas interpretações. É o que acontece, como pudemos observar, há pouco, por parte de alguns religiosos que acham que podem pecar como melhor lhes aprouver, contando que se "arrependam" depois, para que a salvação lhes seja assegurada.

Ora, quem ler com atenção os versículos acima verá que a salvação não é coisa fácil como imaginam os comodistas. Senão, que lancem um olhar na vida dos mártires do Cristianismo e dos que se devotam com amor à prática do Bem. Confrontem, outrossim, a própria conduta com a deles e digam depois se a simples razão de serem religiosos sem a necessária realização dos ensinamentos do Divino Nazareno basta para lhes conferir uma posição espiritual feliz.

Dos tópicos evangélicos infere-se que aquele que quiser salvar a sua vida, ou seja, evitar as descidas a planos inferiores onde se purgam as imperfeições e os erros consumados, deverá perdê-la para a carne, a fim de ganhá-la para o Espírito. Em outras palavras, deverá abster-se das paixões e vaidades mundanas. Pugnar na conquista dos valores espirituais que são eternos, e não como fazem muitos que se entregam por inteiro aos prazeres e aos interesses mesquinhos do mundo enganoso, que passa.

Para isso, deixou-nos o Mestre Divino exemplos de humildade, sacrifício, abnegação e amor, traçando-nos ainda diretrizes capazes de nos conduzir ao Pai uma vez observadas.

Para as almas empedernidas no pecado pode parecer vergonhosa a prática dos ensinamentos cristãos, porém, ai delas, porque o Mestre delas se "envergonhará".

Se desejamos ser dignos das promessas do Cristo, cumpre não nos deixarmos embair por falsos ensinamentos de "salvadores" improvisados, que se julgam detentores dos poderes divinos e "autorizados" a perdoarem e a condenarem. É necessário, isto sim, nos conduzamos na vereda do Bem, tendo por farol o Mestre e seus Mensageiros de todos os tempos, ansiosos todos por nos apertarem em seus braços divinais resplendentes de luz e amor.

Capítulo XXXV A VIDA NA TERRA

A despeito dos grandes progressos realizados por sacerdotes da medicina no campo terapêutico, no sentido humanitário de debelarem, o mais possível, as inúmeras moléstias que afligem a Humanidade; da segurança com que outros buscam dotar os veículos de transporte coletivo, por terra, mar e ar; dos cuidados de vida com que o homem procura cercar-se, quer nas cidades, nos campos ou quaisquer das inúmeras atividades humanas, indiferente a tudo, a morte prossegue, implacável, na sua faina destruidora.

Quase sempre, vemos as folhas que se editam nas grandes metrópoles, enegrecidas de fotografias de sinistros pavorosos que, de um só golpe, ceifam centenas de vidas, muitas ainda no alvorecer.

Embora os homens andem convencidos da brevidade da vida neste plano pelas provas abundantes que ressaltam às suas vistas a cada instante, infelizmente é bem diminuto o número dos que se preparam, convenientemente, para a "grande mudança". É que, à preocupação das coisas que dizem respeito à espiritualidade, preferem a distração nos vãos prazeres que corroem o corpo e a alma.

o o o

Os Mensageiros do Alto, em verdadeiros rasgos de abnegação e amor, constantemente descem até nós estendendo-nos mãos amigas para arrancar-nos do lodaçal moral em que vivemos, falando-nos, ainda, das belezas de outras estâncias de vida — mais felizes e duradouras —, ao mesmo tempo que nos traçam roteiros seguros para lá chegarmos. Enquanto que uns, atendendo ao carinhoso apelo, se desdobram nos inúmeros misteres divinos, outros, fazendo ouvidos moucos, se demoram na indiferença e no mundanismo.

ooo

Para termos uma ideia do que se passa no Além com aqueles que na Terra só cuidaram da satisfação pessoal, esquecidos do alheio sofrimento, basta frequentarmos Centros Espíritas sérios, onde regurgitam as almas sofredoras colhidas pela morte de surpresa e em pecado. Debulhadas em lágrimas, essas almas tardiamente arrependidas clamam pelo perdão divino, maldizem o passado de erros ao mesmo tempo que aguardam oportunidade — como acréscimo da misericórdia divina — para descerem à carne e nela expiarem o que de mal fizeram. As condições deploráveis com que se apresentam esses nossos irmãos valem por uma advertência aos que permanecem, ainda, petrificados no egoísmo dissolvente do caráter. É um convite para que nos desapeguemos do mundo com as suas encenações e prazeres efêmeros e nos aperfeiçoemos na prática da caridade e do amor ao próximo.

Para encerrar esta página, ouçamos o Mestre: *Muitos me dirão naquele dia*

Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos os demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?

E então lhes direi abertamente: "não vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. "

Capítulo XXXVI AOS MÉDIUNS

Não é a cilada dos Espíritos trevosos o único escolho à propagação da Doutrina dos Espíritos, mas sim os que traficam com as faculdades mediúnicas porque embarçam desta forma o seu desenvolvimento, por desacreditá-la junto àqueles que não a conhecem bem.

Há médiuns portadores de excelentes faculdades que poderiam, se delas fizessem uso cristão, levar aos descrentes a convicção da imortalidade da alma, conformação aos inconformados e mesmo a cura aos enfermos. Lamentavelmente, porém, por vaidade ou ambição, deixam-se seduzir pelas vantagens imediatas, indiferentes ao compromisso assumido antes de se encarnarem e ao alto significado desse dom divino.

Os médiuns, no-lo dizem os Mentores do Espaço, são, quase que na totalidade, Espíritos que faliram desastrosamente no passado e que solicitaram esse dom, que é a mediunidade, como meio rápido e eficaz de se redimirem, concorrendo ainda para a redenção humana.

ooo

Esta página dirigimo-la a vós, médiuns, luzeiros benditos a serviço do Alto, que tendes por missão nobilíssima, se levada a bom termo, a de esclarecer, através de vossas faculdades, a Humanidade obscurecida e sofredora.

Atentai bem para as vossas responsabilidades!

Não vos deixeis cegar pelas frivolidades do mundo, que o tempo consome. Convençei-vos de que só as coisas que dizem respeito ao espírito são de valor real, são eternas.

À semelhança dos legítimos profetas, sacrificai tudo o que é mundano, cumpri, inteira e santamente, a missão que vos foi outorgada!

Assim procedendo, estareis despertando para Deus as almas debilitadas nos prazeres do mundo. Estareis preparando para vós um futuro espiritual feliz e risonho. Sereis sempre lembrados, com simpatia e amor, por aqueles a quem infundistes o sentimento da fraternidade cristã e a quem fizestes luz em seus Espíritos.

Tereis, em suma, vencido a Terra e conquistado o Céu.

II PARTE HISTÓRIA RESUMIDA DE JOANA D'ARC MÉDIUM

PERSONALIDADE DE JOANA D'ARC

O motivo que nos leva a escrever sobre a Donzela de Orleães não é o de pormenorizar-lhe a vida, cheia de heroísmo e estoicidade, porque se acha descrita de modo magnífico na obra monumental de Léon Denis, intitulada *Joana d'Arc Médium*. Essa obra é toda apoiada em documentos insofismáveis, da qual respigamos alguns dados para a elaboração desta despretensiosa monografia.

Foi com Vistas ao período agudo por que passa a Humanidade, pejada de sofrimentos e apreensões, que achamos de bom alvitre lembrar aqui a figura da grande guerreira que foi Joana d'Arc.

Os seus feitos nobilíssimos na expulsão dos ingleses da França, no século XV, foram decisivos para a independência e liberdade desta grande e portentosa nação, graças ao feliz desempenho da sua mediunidade.

Não é possível, a quem quer que seja, recordar esta criatura sem citar algumas das suas inúmeras realizações alevantadoras.

É o que, com a devida vénia, tentaremos fazer, embora resumidamente.

O que toma mais admirável esta jovem extraordinária é a evidência das faculdades mediúnicas de que era possuidora, quais sejam, as da vidência, audição e premonição, às quais obedecia sem restrições.

Sem tais faculdades, de per si, ela nada teria realizado, tendo-se em vista a tenra idade e a ausência de cultura.

Joana d'Arc nasceu em Domrémy (França) em **1412**.

Era filha de pobres lavradores. Quando não fiava a lã junto da mãe, apascentava o rebanho às margens do Vale do Mo- sa, tendo, muitas vezes, ladeado seu pai no manejo da charrua.

Joana era morena, alta, forte e bela²; a sua voz era suave, a expressão graciosa, o todo modesto.

Era moça sonhadora como quase todas de sua idade. Comprazia-se em

² (1) "Elle avait cheveux noirs et le teint un peu hâle... Tous s'accordant à la représenter "grande et très belle", bien composée de membres et forte et cependant d'une remarquable élégance..."* (Lavisse).

contemplar o céu, à noite, quando pontilhado de estrelas; apreciava vaguar pelas frescas campinas pela manhã, e sentar-se sob o carvalho anoso fronteiriço à casa, onde ouvia embevecida o tanger dos sinos da igreja da aldeia.

Joana frequentava assiduamente essa igreja, onde orava com devoção.

Próximo à casa havia um jardim bem-cuidado, onde igualmente costumava orar.

Segundo Léon Denis, ela teve a primeira visão nesse local, quando se achava em prece. Nessa visão, aparece-lhe um Espírito de grande formosura, cujo esplendor a deslumbra. Em seguida, é S. Miguel que lhe surge com uma corte de Espíritos puros; fala-lhe da situação angustiosa do país e revela-lhe que a missão de salvá-lo lhe estava destinada.

A princípio, Joana reluta, confessando sua incapacidade para tão alto desígnio, sendo entretanto encorajada com a promessa de ajuda dos bons Espíritos que a guiariam nesse arrojado empreendimento.

As entidades que mais frequentemente se comunicavam com ela eram os Espíritos boníssimos de Sta. Catarina, Sta. Margarida e S. Miguel, assim designados por ela, em virtude dos ensinamentos católicos adquiridos à época em que o Catolicismo Romano imperava quase absoluto.

É de se notar que Joana jamais saiu de sua aldeia. Adorava seus pais, aos quais ajudava dedicadamente nos seus misteres, e nunca ia deitar-se sem antes depositar-lhes na fronte seu ósculo filial.

JOANA ACEITA A MISSÃO

Um dia, na visão, reaparece-lhe S. Miguel que diz: "Filha de Deus, tu conduzirás o Delfim a Reims, a fim de que receba aí sua digna consagração". A essas palavras Joana junta-lhes ação. Assim, antes do romper da aurora, em plena estação hibernal, Joana se levanta da cama e, pé ante pé, sem fazer ruído para não trair o sono de seus pais que a impediriam, por certo, de realizar seu intento divino, faz a mala de roupas, salta a janela de seu quarto e vai para onde mandam as vozes.

Quando a fuga se deu, para cumprimento dessa missão, contava Joana a idade de **17** anos.

Só, ignorante, contando unicamente com o auxílio de seus Espíritos, nos quais depositava toda a fé, ela deixa a aldeia que muito amava, onde nascera e não veria mais. Deixa ainda o seu rebanho, do qual nunca se tinha apartado e, conforme as vozes, segue em direção a Paris.

Até então, sua vida havia transcorrido entre o trabalho, que muito amava, e o repouso.

A FRANÇA NO SÉCULO XV

Descrever a situação trágica, horrível, da França no século XV, não é fácil.

Tão-somente lembraremos o leitor que a luta contra a Inglaterra durava já cem anos. A nobreza da França tinha sido aniquilada em quatro derrotas sucessivas.

Todo o país se achava dividido em partidos rivais, que se hostilizavam por querelas de somenos.

A França já se ressentia da sua insegurança. Ao seu Rei, então Carlos VII, falecia autoridade para as necessárias providências, por ter sido deserdado pelo pai, Carlos VI, que passou a coroa, num momento de demência³, a Henrique da Inglaterra, o qual por sua vez viu com satisfação que não demoraria a alargar-se seu império.

Nessa situação miserabilíssima é que aparece em cena Joana d'Arc.

Não foi fácil a Joana convencer Carlos VII, "rei de Burges"—assim chamado por escárnio —, da sua alta missão de libertar a França.

Inúmeras provas foram-lhe pedidas por esse rei orgia- co, indiferente à sorte da Nação, que chafiirdava, e com ele o seu reino, nos prazeres das bacanais.

A muito custo, depois de satisfeita a corte e o Rei, quanto às exigências de provas da sua missão divina, a Joana foi entregue o comando de um poderoso exército, com o qual deveria escrever a mais brilhante história militar do mundo.

Quando Joana surge na liça, Ruão capitula após encarniçadas batalhas, inimagináveis pelo horror com que se verificaram.

A população de Paris, alquebrada pela fome e epidemias, achava-se nas mãos dos ingleses. Só Orleães, que mais tarde Joana libertaria, resistia com denodo.

Na França reinava o pânico, o terror, as misérias e os incêndios oriundos das devastações da guerra.

Os campos, abandonados; as cidades, evacuadas pelos seus habitantes que, acovardados pelas constantes derrotas, buscavam no mato o abrigo que aquelas não lhes ofereciam.

Era esta, em rápidas palavras, a situação com que Joana se defrontou não sem grande pavor. Da fidelidade da sua missão ia depender a salvação da França e do seu grande povo, que muito amava.

Joana, graças às suas faculdades mediúnicas, conseguiu entusiasmar esse povo desmoralizado, abatido pelos reveses anteriores, dando-lhe novas esperanças.

Todos os franceses queriam combater ao seu lado, após inteirados do seu papel providencial.

Assim é que, com Joana à frente de um grande exército, Orleães foi livrada do cerco dos ingleses, no domingo dia **8** de maio de **1439**, depois de terem suas fortificações sido tomadas uma a uma.

Em Patay, os ingleses são batidos em campo raso e o Gal. Taibot, cognominado o "Aquiles da Inglaterra", que os comandava, cai prisioneiro. Seguem, então, as tropas vitoriosas, sob o comando de Joana, para Reims, onde Carlos VI é sagrado Rei da França, cumprindo-se, assim, as palavras de S. Miguel, ditas a Joana numa de suas visões.

³ (2) *Tratado de Troyes, 1420.*

Apesar de todos esses triunfos, Joana não se deixa envaidecer. Continua sendo a mesma criatura de Domrémy, humilde, bondosa e caritativa.

Após todos os sacrifícios por que passou nos campos de batalha, como se isso não bastasse, começa para ela um novo ciclo de outros mais acerbos, quando a ingratidão e a perfídia de alguns juízes se patenteiam de modo desumano e cruel.

Queremos nos referir aos interrogatórios que se seguiram às suas lutas heróicas, quando juízes mercenários, de conivência com os inimigos de sua Pátria, urdiram para perdê-la...

Um número superior a **60** juízes compõe o tribunal, sob a presidência do Bispo de Beauvais, a quem os ingleses prometeram o arcebispado de Ruão se desempenhasse seu papel conforme seus interesses. Soldados de má catadura guardavam as portas desse iníquo tribunal.

Os juizes, porém, nada conseguiam com as ciladas que armavam a Joana d'Arc nesses interrogatórios, porque esta, sempre amparada por suas vozes, respondia-lhes à altura, confundindo-os, muitas vezes, apesar da fadiga que lhe infligiam deixando-a longo tempo de pé.

Assim procediam para desmoralizá-la no seio do seu povo, pois que a temiam quando pegava em armas. Julgavam-na possuidora de algum "encantamento".

Ansiavam seus inimigos livrar-se dela a todo custo, porque só assim, pensavam, poderiam retomar a França. O clero não se sentia menos interessado na sua perda. Queria que ela renegasse a missão. Para isso, usava de meios os mais hediondos, porque se sentia diminuído diante da superioridade dessa jovem que, com apenas **19** anos, salvava a França sob o influxo divino que intimamente reconhecia.

Em **1430** os borgonheses tentam contra Compiègne. Joana, diante disso, decide libertar essa praça, mas cai prisioneira de seus inimigos, que a vendem aos ingleses.

Carlos VII teve conhecimento de sua prisão, porém nem sequer tentou resgatá-la.

Na prisão começa para Joana uma paixão de seis meses. Imagine o leitor a situação de uma moça de **19** anos, posta sob a guarda de soldados sem brios, sensualistas, estúpidos. Atribuíam-lhe eles a causa de seus reveses e, por isso, cevavam nela o seu ódio.

Nesse cárcere, acorrentada, indefesa, batiam-lhe, dirigiam-lhe desaforos e impropérios, tendo Joana resistido sempre às tentativas de animalesco sensualismo. Por isso não consentia ela privar-se dos trajes masculinos, que permitiam segurança contra esses ignóbeis atentados.

Apesar de todos esses sofrimentos, suportados com resignação inaudita, a sua fé em Deus e nas vozes permaneceu inabalável.

Momento houve em que as vozes a abandonaram, como que para sondar, no íntimo dessa criatura, até onde ia a fé no Criador, a perseverança no desempenho da missão que lhe fora confiada.

JOANA É CONDUZIDA AO SUPLÍCIO

O dia **30** de maio de **1431** assinala o término da sua gloriosa missão na Terra. Nesse dia, os sinos bimbam o dobre fúnebre desde as oito horas da manhã. É que anunciam a morte de uma inocente criatura, cujo único crime fora ter amado e servido fielmente à Pátria.

Diante de tanta injustiça, de tantos sofrimentos, que iriam dentro em breve culminar numa fogueira, Joana chora amargamente. Preferiria, ela própria o diz, ser decapitada sete vezes a morrer queimada.

Os monstros conduzem-na numa carreta. Oitocentos soldados ingleses escoltam-na até o local do suplício. Grande multidão se comprime na praça onde Joana deveria receber o gênero de morte destinado aos piores assassinos.

Na praça Vieux-Marché, em Ruão, são erguidos três palanques para serem ocupados pelos altos dignitários. Entre eles achavam-se presentes o Cardeal de Winchester, o Bispo de Beauvais e o de Boulogne e todos os juizes e capitães ingleses.

Entre os palanques ergue-se um monte de lenha de grande altura, dominando toda a praça. A intenção dos verdugos era aumentar o sofrimento de Joana, espetacularizando-lhe a morte, a fim de que ela renegasse pela dor à missão e às suas vozes.

Nessa ocasião, é lido um libelo acusatório, composto de **70** artigos, no qual transparece todo o ódio, toda a calúnia dos seus inimigos.

Joana ora com fervor em voz alta e pede a Deus nessa prece que lhe dê a coragem precisa para suportar a prova final sem queixumes, sem tergiversar.

Em seguida implora o perdão divino aos seus algozes, tal como fizera Jesus quando pregado ao madeiro.

Suas palavras comovem aquela gente, em número superior a dez mil pessoas, que soluçam ante os horrores daqueles momentos. Os próprios juizes, sentindo o remorso morder-lhes a consciência, choram diante dessa cena.

A urri aceno do cardeal Joana é amarrada ao poste fatídico, com fios de ferro.

A vítima dirige-se, então, a uma pessoa que se achava perto e pede-lhe que vá buscar uma cruz na igreja mais próxima. Ao ter o símbolo da dor entre as mãos, cobre-o de beijos e lágrimas. É que nesse momento trágico ela queria ter diante de seus olhos a imagem do Crucificado, para inspirar-lhe a coragem de que carecia.

Naquele instante Joana reviveu todo o seu passado de glórias, cheio de gratas recordações, que só pode acudir à mente das criaturas verdadeiramente puras como ela, que ia daí a instantes sacrificar a vida pela verdade.

QUEIMADA VIVA

Eis que o momento azado chega. Ao monte de lenha que se ergue da praça, os carrascos lançam fogo. As labaredas começam a subir atingindo a vítima. Já lambem suas carnes. O Bispo de Beauvais aproxima-se da fogueira e grita: "Joana! Abjura!", ao que lhe responde: "Bispo, morro por vossa causa, apelo de vosso julgamento para Deus!"

Quando o fogo começa a chamuscar seu corpo, Joana, estorcendo-se nos ferros onde se achava presa, grita à multidão: "Sim, minhas vozes vinham do Alto! Minhas vozes não me enganaram. Minhas revelações eram de Deus. Tudo que fiz, fi-lo por ordem de Deus!"

O corpo arde todo. Eis que novo grito abafado pelo crepitar da fogueira ecoa de dentro dela; era o apelo ao mártir do Gólgota: "Jesus".

Carbonizada nessa fogueira, as cinzas foram lançadas ao Sena.

Dessa forma, negaram-lhe os inimigos uma sepultura onde pudessem os admiradores ir presenteá-la!

Os ingleses pensavam ter vencido com a morte de Joana. Mas enganavam-se. Carlos VII consegue reorganizar rapidamente suas tropas e ganhar as batalhas de Formigny e Castillon, findando-se, assim, a guerra com o triunfo dos franceses.

Seus inimigos mataram-na tal como queriam, isto é, lentamente, com requintes de crueldade.

Joana morreu para os ingleses, para a Terra; porém, viveu para o Céu. É a recompensa divina.

CANONIZAÇÃO DE JOANA

Alguns anos mais tarde Joana é canonizada pela Igreja Romana, a mesma que a tinha acusado de herética. A sua santificação consumou-se mais por conveniência política que por outro motivo qualquer, porquanto Joana sempre inspirou à Igreja sentimento de repulsão em virtude de sua mediunidade. Por isso, era tida pelo clero como "feiticeira", por não querer obedecer-lhe, negando a origem extraterrena da sua missão.

O processo de reabilitação de Joana, levado a efeito no século XV, marca a queda da Inquisição na França. Eis o que os franceses devem, ainda, a Joana d'Arc.
O O o

A vida de Joana d'Arc, verdadeiro martirólogo, continuará sendo sempre a fonte inexaurível de supremos consolos a todos os que sofrem neste vale de dor.

Mártir da mediunidade, a fé em Deus, o amor a Jesus, cujo nome fora sua derradeira palavra, reavivarão a fé nos corações atribulados que a ela se voltarem.

Formosá flor de Lorena! Donzela santa! Alma lirial! Destas plagas sombrias e expiatórias nós, humilde rabisca- dor destas linhas, te saudamos, ó pastora de Domrémy, heroína de Orleães, mártir de Ruão!

CONCLUSÃO

Por que, dirão, Joana teria sofrido tanto? A verdade é que ninguém sofre se não pecou. Esta é uma das leis divinas que cabia ao Espiritismo revelar aos homens, mostrando-lhes que Deus não é um experimentador de almas, concedendo a umas privilégios e a outras martírios.

A reencarnação, ensinada pelo Cristo e sancionada pelo Espiritismo, veio patentear aos homens a misericórdia divina. Assim é que numa existência o homem vem a falir, desarmonizando-se com as leis naturais estabelecidas por Deus, outra lhe é facultada, para que ele possa resgatar — mais duramente em virtude da sua reincidência no mal — o passado delituoso e ascender, assim, a outros mundos mais felizes, que Deus destinou a todas as suas criaturas. Deus não criou inutilmente estes mundos que gravitam no espaço imensurável. E o Cristo dissera que “nenhuma ovelha do seu rebanho se perderia”, o que equivale a dizer: não existe o tão lendário inferno com a eternidade de suas penas.

O que existe — e isto é muito justo porque se concilia perfeitamente com a Justiça de Deus — é a reparação de erros acompanhada de provação, para ficar evidenciado se o pecador incorrerá ou não no mesmo erro e, após, redenção, uma vez triunfante da prova.

UMA ENCARNAÇÃO PASSADA DE JOANA

Humberto de Campos, chamado com justeza “o repórter do Além”, lançou luz sobre a vida da grande personagem de quem acima tratamos.

Das páginas de um de seus livros *post-mortem* depreende-se que Joana fora a reencarnação do Espírito Judas Iscariotes.

Não deve causar estranheza aos espíritas a diferença de sexos dessas duas existências, porquanto o sexo, conforme nos ensina a Doutrina dos Espíritos, não é mais que um acidente na vida humana, necessário à execução dos desígnios divinos;

O ter sido Joana d’Arc a reencarnação do Espírito Judas Iscariotes, conforme revelação do Espírito citado, deve ser motivo de júbilo, principalmente para os espíritas, porque isso vem demonstrar que o perdão de Jesus concedido a Judas, que o traiu, não foi em vão.

Conforme a concepção católica, Judas é um Espírito errante, sem probabilidade de remissão, cuja eterna existência ele arrastará penando.

Assim sendo, perguntamos: — De que valeu, então, ter Jesus perdoado a Judas? Felizmente assim não é. O perdão de Jesus não foi inútil. Judas penitenciou-se, pedindo a Deus uma nova existência, cheia de renúncia e de sofrimentos dolorosos e que se epilogou numa fogueira, na pessoa de Joana d’Arc.

Que o Espírito de Judas Iscariotes, emancipado aos olhos de Deus pelo seu martírio de Ruão, se compadeça dessas infelizes criaturas que, desconhecedoras da lei reencarnacionista e da misericórdia do Pai, ainda queimam o "Judas de pano", como desagravo à sua alta traição, ocorrida no passado remoto.

Não encerraremos esta página sem antes louvar a ideia do nosso querido amigo e operoso confrade, José Russo, de saudosa memória, de dar à Fundação Espírita que ergueu na cidade de Franca o nome de "*Judas Iscariotes*".

Essa Fundação, que traz no frontispício o nome de *Judas Iscariotes*, será sempre um protesto permanente aos detratores de sua memória.